

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LETÍCIA SCHEER MENDONÇA

A RECONCILIAÇÃO ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E AS ÁREAS VERDES:

Um estudo de caso sobre a paisagem de Fazendinha

SANTANA-AP
2016

LETÍCIA SCHEER MENDONÇA

A RECONCILIAÇÃO ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E AS ÁREAS VERDES:

Um estudo de caso sobre a paisagem de Fazendinha

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá como requisito parcial para obtenção do título de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Área de concentração: Projeto urbano.

Orientador: Prof.^a Msc. Elizeu Correa dos Santos

Co-orientador: Prof.^o Dr. Jodival Maurício da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

720

M539r Mendonça, Letícia Scheer.

A reconciliação entre o espaço público e as áreas verdes: um estudo de caso sobre a paisagem de Fazendinha / Letícia Scheer Mendonça; orientador, Elizeu Correa dos Santos; Co-orientador, Jodival Maurício da Costa. – Santana, 2016.

96 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Coordenação do curso de Arquitetura.

FOLHA DE APROVAÇÃO

LETÍCIA SCHEER MENDONÇA

A RECONCILIAÇÃO ENTRE O ESPAÇO PÚBLICO E AS ÁREAS VERDES: um estudo de caso sobre a paisagem de fazendinha

Monografia submetida ao Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sendo considerado satisfatório e aprovado em sua forma final pela banca examinadora existente.

Santana, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Elizeu Côrrea do Santos- orientador

José Marcelo Medeiros

André Barros Coelho

AGRADECIMENTOS

Á Deus que tem me sustentado em todos os momentos e que mesmo em toda sua glória se importa comigo.

À minha mãe, meu pai e minha irmã pelo suporte, força e incentivos diários.

Aos meus avós pela compreensão e paciência.

Aos meus companheiros de pesquisa de campo Abner, Melina, Kamila e Neilton.

À Secretaria de Estado do Meio Ambiente pela permissão de acesso a Área de Proteção Ambiental de Fazendinha.

Á Jorge, intermediador da Secretaria na área de Proteção pelo auxílio nas pesquisas subsidiadas e mapeamento da área.

Á Katrícia, Luís e Dieimison pela imprescindível contribuição.

Aos professores Elizeu dos Santos, mentor na arte de projetar e Jodival Costa, mentor na arte da pesquisa pelo incessante incentivo e horas investidas em orientações.

Aos professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá pela contribuição em meu crescimento e amadurecimento acadêmico e profissional.

Aos meus amigos por tornarem a graduação mais leve, pelo apoio, compreensão, parceria e incentivo.

*Sou apenas um, mas ainda sou um.
Não posso fazer tudo, mas ainda posso fazer algo;
E, porque não posso fazer tudo,
não vou me recusar a fazer aquilo que posso.*

Edward Everett Hale

RESUMO

Esta pesquisa procura articular ideias que permitam refletir sobre a paisagem da orla do Distrito de Fazendinha, que bordeada pelo rio Amazonas localiza-se no Estado do Amapá entre as cidades de Macapá e Santana. O distrito apresenta realidades e paisagens contrastantes concernentes à vivência no seco (urbano consolidado) e úmido (moradia em forma de palafitas que se desenvolve dentro da mata de várzea da Área de Proteção Ambiental de Fazendinha). Como embasamento teórico recorre-se aos conceitos da geografia humanista enquanto abordagem preocupada com a subjetividade das interações humanas com o espaço que se materializam em paisagem. O trabalho tem sua metodologia dentro do eixo qualitativo por possuir como fonte direta a realidade local e a análise indutiva das características encontradas considerando a dinâmica das relações entre o meio e o sujeito ao enquadrar as análises dentro campo de visibilidade e de significação individual e sócio cultural encontrado. Questionários, revisão bibliográfica, mapas temáticos e visitas em diversos períodos pertinentes fazem parte da metodologia adotada auxiliando na compreensão daquilo que une, associa, dissocia e fragmenta a paisagem. São abordados os elementos físicos, urbanos, apontamentos históricos, e relações simbólicas estabelecidas objetivando o desenvolvimento de projeto urbanístico que integre em primeira escala as áreas da localidade e em segunda escala as cidades de Macapá e Santana por meio de uma proposta que propicie lazer e convívio ao vincular ambientes naturais e projetados.

Palavras chave: Paisagem; Orla; Espaço público.

ABSTRACT

This research seeks to articulate ideas that allow reflections about the edge landscape in the District of Fazendinha. The Amazon River surrounds the area, which is specifically located on the State of Amapá, between the cities of Macapá and Santana. The district presents contrasting realities and landscapes, associated with the experiences in dry areas (consolidated urban), and humid areas (houses that are shaped as stilts and develop inside of the Amazon forest, on the Environmental Protection Area of Fazendinha). As a theoretical basis, I appealed to concepts from humanistic geography as an approach worried about the subjectivity of human interactions and the space that materialize in such a natural landscape. This paper has your methodology inside of the qualitative shaft. Having as a direct source the local situation and the inductive analysis of the features found considering the dynamics of the relationship between the middle and the subject when framing the analysis inside of the field of vision and individual significance and cultural partner that was found. Questionnaires, literature review, thematic maps and visits at different times in the area of study, make a part of the methodology adopted aiding in the understanding of what unites, associate, dissociate and fragment that landscape. Concluding, we analyzed the physical, urban and historical elements, and the symbolic relationships established, focusing on the development of urban design that integrates in first scale, places that surround the locality, and in second scale, the cities of Macapá and Santana through a proposal that combines natural and engineered environments.

Keywords: Landscape; Waterfront; Public space.

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1- Mapa de localização de Fazendinha.	23
Figura 2- Mapa de relações com o entorno.	24
Figura 3- Mapa de entorno imediato.	25
Figura 4- Praias em Fazendinha 1969 e 1970, respectivamente.	26
Figura 5- Mapa de cursos d'água de Fazendinha.	29
Figura 6- As águas e os usos de circulação e de trabalho.	30
Figura 7- Mapa de macroparcelas do bairro de Fazendinha.	32
Figura 8- Mapa das microparcelas de Fazendinha	33
Figura 9- Usos do espaço.	35
Figura 10- Ressaca habitada e atividade madeireira.	36
Figura 11- Trapiche dos práticos e estaleiros de construção de embarcações.	36
Figura 12- Complexo de Fazendinha e áreas mistas (restaurantes).	37
Figura 13- Praias e residências ribeirinhas estabelecidas nas bordas da APAFAZ.	37
Figura 14- Mapa de circulação e conectividade viária.	38
Figura 15- Mapa da rota do transporte público de Fazendinha.	39
Figura 16- Vias em Fazendinha.	40
Figura 17- Delimitação da Área de Proteção Ambiental de Fazendinha.	41
Figura 18- Configuração vegetal da APAFAZ.	44
Figura 19- Arquitetura vernacular em palafitas.	46
Figura 20- Elementos arquitetônicos: portão, guarda- corpo e varanda.	47
Figura 21- Falta de estrutura nas instalações hidro-sanitários e problemas referentes a coleta de lixo.	47
Figura 22- Perímetro da orla.	48
Figura 23- Orla de Fazendinha e os trechos de análise.	49
Figura 24- Trecho de análise 1.	50
Figura 25- Atracação de pequenas embarcações; praias da APAFAZ; e instalações do balneário desativado.	51
Figura 26- Trecho de análise 2.	51
Figura 27- Restaurantes; pontos de apoio; quiosques para banhistas; e área de chuveiro.	52
Figura 28- Trecho de análise 3	53
Figura 29- Concha acústica.	53
Figura 30- Trecho de análise 4.	54

Figura 31- Quadra de areia e playground.	54
Figura 32- Trecho análise 5	55
Figura 33- Área de estacionamento e pista de skate.....	55
Figura 34- A vida circunscrita na mata.	58
Figura 35- As casas como abrigo e símbolo de pertencimento.	58
Figura 36- Ligação com a natureza através do cotidiano.	59
Figura 37- Próteses implantadas e desconfiguração da paisagem.	60
Figura 38- Realidades diversas no rio.	61
Figura 39- Programa de necessidades, setores e dimensionamento.	67
Figura 40- Diagrama do zoneamento proposto.	68
Figura 41- Diagrama conceitual da distribuição e interligação dos elementos propostos.	69
Figura 42- Planificação da proposta	70
Figura 43- Trecho 01	71
Figura 44- Trecho 02	72
Figura 45- Trecho 03	73
Figura 46- Trecho 04	74
Figura 47- Perfil esquemático dos trechos	75
Figura 48- Restaurantes: plano conceitual.	76
Figura 49- Decks que apreciação do rio: plano conceitual.	76
Figura 50- Mirante.....	77
Figura 51- Anfiteatro	77
Figura 52- Museu das águas.....	78
Figura 53- Ponte.	78
Figura 54- Macrodefinição da proposta.	79
Figura 55- Mobiliário Urbano	79

LISTA DE SIGLAS

APA- Área de proteção ambiental

APAFAZ- Área de proteção ambiental de Fazendinha

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

REBIO- Reserva Biológica

SEMA- Secretaria de Estado do Meio Ambiente

SUMÁRIO

I	INTRODUÇÃO	xiii
1	REFERENCIAL TEÓRICO	16
1.1	Abordagens sobre o conceito de paisagem e espaço	16
1.2	Topofilia.....	19
1.3	A imagem como ferramenta de análise	21
2	O BAIRRO, A APAFAZ E A FAIXA DE ORLA PÚBLICA: ANÁLISES DO SÍTIO E DIAGNÓSTICO	22
2.1	Localização	22
2.2	Histórico	25
2.3	Elementos físicos	28
2.3.1	Clima, insolação, ventilação e precipitação	28
2.3.2	Relevo e solo.....	28
2.3.3	Hidrografia.....	29
2.4	Elementos Urbanos.....	31
2.4.1	Morfologia urbana em Fazendinha: considerações sobre as parcelas do espaço	31
2.4.2	Usos do solo	34
2.4.3	Conectividade viária.....	38
2.5	Área de proteção Ambiental de Fazendinha (APAFAZ)	41
2.5.1	Aspectos biológicos da APAFAZ.....	43
2.5.2	A paisagem híbrida da APAFAZ.....	45
2.6	Uma aproximação ao espaço público e sua estrutura	48
2.7	A paisagem vivida na orla beira rio de Fazendinha	57
2.8	Legislação pertinente.....	62
2.9	Do diagnóstico para o projeto.....	64
3	O PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA A ORLA DE FAZENDINHA	66
3.1	Tema, premissas projetuais e usuários	66
3.2	Programa urbano	67
3.3	Conceitos e partido	68
3.4	A proposta	70
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
	APENDICE A- Master plano	84

APENDICE B- Imagens da proposta	86
APENDICE C- Entrevista de reconhecimento da APAFAZ	89
APENDICE D- Entrevista de reconhecimento do bairro de Fazendinha.....	91
APENDICE E- Entrevista de qualificação do espaço público beira rio de Fazendinha	93
ANEXO A- Levantamento da comunidade do Rio Paxicú.....	95

I INTRODUÇÃO

Cada contexto urbano se torna, em certo sentido, único e transmite informações a respeito da sua constituição. Nele são criadas e recriadas imagens ou representações das paisagens, das ações tradicionais e das atividades contemporâneas, constituindo as imagens urbanas, que são comunicadas por meio da sua (re)produção e apropriadas ou não pelos indivíduos e grupos, tendo em vista seus usos e os hábitos (BRAGA, 2011, p. 120). Assim sendo, os espaços da cidade, mesmo sob um conjunto de sistematizações e ordenamentos são formados por traços não tangíveis, representacionais, que são socialmente construídos e recriados de forma dinâmica.

Nesse sentido, a cidade é entendida como organismo vivo e plurifuncional que possui diferentes usos, apropriações, trocas e significações que se inserem dentro de um contexto político, econômico e histórico. O urbano tem sua imagem materializada pela paisagem que é reflexo da ação humana sobre um meio físico ao produzir e utilizar o espaço. Como reflexo dessa ação humana, esta não pode ser considerada isoladamente, e nem ser dissociada do sujeito que a vivencia e de sua cultura que o auxilia na construção de seu mundo e de suas adaptações.

Dentro do contexto apresenta-se o Distrito de Fazendinha, que localizado no Estado do Amapá entre cidades Macapá e Santana é também margeado pelo Rio Amazonas. O distrito apresenta em sua conformação: a Área de Proteção Ambiental de Fazendinha, que é um importante ativo natural que deve ser resguardado e que tem sofrido com a ação antrópica por sua localização; o bairro, que representa o urbano consolidado; e o Complexo turístico de Fazendinha que tem seu uso incentivado apenas nos períodos de veraneio em programações elaboradas pela prefeitura.

Dessa forma, a pesquisa se apropria dos conceitos de paisagem e espaço sob a ótica da geografia cultural buscando sua aplicação na realidade citada com o intento de compreender as somas, adições, subtrações e divisões no espaço e no tempo, que resultam o distrito de Fazendinha, fruto do entrelaçamento das relações entre Natureza, Sociedade, Cultura e História.

Portanto, tendo em vista os problemas referentes a falta de ligação entre espaços públicos da cidade de Macapá, e a necessidade de planejamento urbano ambiental que integre os espaços ambientalmente protegidos as atividades cidadinas, este trabalho volta-se para a análise das fragmentações das paisagens em Fazendinha onde as desarticulações espaciais

somadas a precariedade e a falta de atratividade dos espaços públicos existentes fazem com que estes se tornem subutilizados e não apropriados em sua totalidade pela população.

Para o diagnóstico da paisagem e do espaço adotou-se a metodologia qualitativa, pois esta contém como base a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados tendo como fonte direta a realidade local e a análise indutiva das características encontradas considerando a dinâmica das relações entre o meio e o sujeito através da análise das relações, tanto as positivas quanto as negativas (MOREZI, 2013). Essa metodologia é adotada devido a necessidade da compreensão dos grupos sociais e da forma como estes se relacionam com a paisagem. Nesse sentido busca-se explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito através da compreensão das trocas simbólicas que fazem parte daquilo que não pode ser quantificado.

Como ferramentas metodológicas utilizou-se: da revisão bibliográfica que permite a análise do que já se foi produzido a respeito do conceito teórico de paisagem, do bairro de Fazendinha e da área de proteção; de pesquisas de campo, com a aplicação de três questionários diferenciados com o objetivo de qualificar a estrutura de lazer existente e de analisar as relações e vínculos que estão estabelecidos entre os moradores e a paisagem; e de visitas realizadas em três momentos distintos (antes, durante e posterior ao Macapá Verão).

Assim sendo, a pesquisa tem como objetivo geral o desenvolvimento de projeto urbanístico que promova lazer e convívio e conjugue ambientes naturais e projetados, através da valorização dos aspectos culturais, sociais e ambientais dos agentes envolvidos no espaço oportunizando melhoras significativas para os moradores por desempenhar papel social, econômico, educacional e cultural, e para a cidade por atuar como organismo dinâmico em constante transformação.

Dentro deste objetivo geral, questões específicas são incluídas. Elas são: a análise da paisagem e o espaço da faixa beira rio de Fazendinha e das áreas lindeiras pontuando as transformações e as inter-relações estabelecidas entre o homem e o meio a partir de pressupostos históricos, sociais, políticos e culturais da região, buscando a compreensão daquilo que une e fragmenta o seco (urbano consolidado) e o úmido (Área de Proteção Ambiental de Fazendinha); a criação de um projeto urbano na faixa de orla pública, por meio do uso de tecnologias e métodos projetuais, respeitando os indicativos naturais, usando materiais regionais e alternativas diferenciadas que sejam adequadas à realidade; e o desenvolvimento da proposta a nível de projeto básico.

Para melhor sistematização das informações obtidas, o trabalho foi dividido em 4 itens: três capítulos e as considerações finais. O primeiro apresenta o referencial teórico que tem por base o desenvolvimento da categoria de paisagem e conceitos complementares sob o ponto de vista da abordagem da geografia cultural.

O segundo capítulo contém as análises do sítio e o diagnóstico abrangendo o bairro de Fazendinha, a área da proteção ambiental e a faixa de orla pública. As informações contidas neste ponto do texto têm a intenção de auxiliar na proposta projetual ao vincular a inferências teóricas a realidade encontrada.

O terceiro capítulo apresenta as informações referentes a proposta urbana, incluindo os diagramas, as arquiteturas, o pré-dimensionamento e os conceitos que permeiam a intervenção urbana, que ganha espacialização na faixa de orla de Fazendinha indo da margem direita da APAFAZ até ao fim o Complexo turístico.

E por fim, o último item que é formado pelas considerações finais a respeito do trabalho realizado.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Abordagens sobre o conceito de paisagem e espaço

A visão emocional acentua tonalidades, espaços e tempos. Investiga a escondida configuração de lugares e de paisagens, bem como experimenta a realidade valorizando a diversidade dos sentimentos e sentidos, modulados em relação a uma extraordinária polifonia deles. Compreende-se, assim, que estes animam a vida e dão formas e cores às emoções.
(ANDREOTTI, 2013, p. 99)

Tudo que vemos é paisagem, tudo que sentimos e ouvimos faz parte da paisagem, tudo que nos cerca é paisagem, nós mesmos, nossas cidades, nossas casas e tudo a nossa volta está inserido naquilo que chamamos de paisagem. Apreender a complexidade deste conceito, segundo Andreotti (2013, p. 99), é entender que este assume o real como um complexo perceptivo e fenomenológico, que não pode ser interpretado, como muitas vezes tem sido feito, apenas a partir de medidas matemáticas – volumes, parâmetros, quocientes – que o empobrecem de significado.

Nesse sentido, paisagem é o espaço físico vivido e este espaço vivido vai além das formas, geometrias e fronteiras, chegando a sensibilidade, identificação e percepção. Não se está apresentado um conceito livre ou com reduzida realidade racional, mas sim diversificando os seus sentidos em relação às importâncias individuais, ou seja, está se admitindo o conceito, mesmo em suas contradições, como uma grandeza imensurável, subjetiva e variável de indivíduo para indivíduo.

A paisagem é, então, a produção do espaço que consubstancia os valores, as ideias, as culturas, os sistemas de produção, os modos de vida de uma sociedade em um determinado momento histórico (ORTIGOSA, 2010). É ainda a materialização das expressões humanas, do trabalho, das heranças, das etnias, das intersubjetividades, das representações. Enfim, é a materialização do que contém e está contido no espaço, que influencia as transformações espaciais e é influenciado pelas mesmas (GAMALHO e HEINDRICH, p. 3).

A paisagem é o espaço e aquilo que o compõe. Portanto, sob a ótica de análise se faz fundamental a compreensão e a correlação desses conceitos. Essa articulação conceitual combinada apontará as relações dialéticas, partindo do princípio que ambos existem interdependes e por isso, mesmo estando em categorias de análises diferentes, aqui serão tratados como objetos que se fundem, sobrepõem e se contrapõem no urbano, fazendo aproximações a outras abordagens quando pertinentes visto que o propósito é de se chegar a uma análise integradora dos elementos compositores da paisagem.

Deste modo, avançar a compreensão do que se chama de paisagem é compreender o que a compõe, o espaço geográfico, que de acordo com Braga (2007, p. 65), é o resultado contínuo das relações socioespaciais, estas podem ser relações econômicas (relação sociedade-espaço mediatizada pelo trabalho), políticas (relação sociedade-Estado ou entre Estados Nação) e simbólico-culturais (relação sociedade-espaço via linguagem e imaginário). Ou seja, o espaço é compreendido como um processo social, construído a partir da apropriação e das atividades diárias realizadas pelos indivíduos (SAQUET, 2013).

O espaço, também é um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade (SANTOS, 2004, p. 63). Essa artificialidade do espaço conferida através do tempo e da substituição do natural, se dá em decorrência da técnica, da cultura ou da hibridização desta. Diz-se cultura pois é culturalmente que os diferentes agentes intervêm nos espaços os remodelando conforme as necessidades de cada nova época. O espaço é um conjunto dinâmico, formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações. O primeiro tende a condicionar a forma de como as ações se dão no espaço e o segundo direciona a criação de novos objetos ou se realiza sobre os preexistentes fazendo com que o espaço se transforme em suas dinâmicas. (Id.,2004, p.63). Em resumo, para este autor, o espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos, não entre estes especificamente, mas para os quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (SANTOS, 1998, p.25).

Esses sistemas estão diretamente expressos na paisagem. Os objetos é tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou e seu uso combinado pelos grupos humanos que os criaram ou que os herdaram é o sistema, e a ação, quase sempre subordinada a normas e a regulamentações, é um processo dotado de propósito no qual um agente, mudando alguma coisa muda a si próprio, ou seja, o homem exerce ação sobre o meio, assim, ao mudar o exterior também muda a si mesmo (SANTOS, 1998).

O que quer se dizer aqui é que o espaço é determinado pela multiplicidade de ações tomadas pelas pessoas que nele vivem, estas culturalmente assimiladas ou não, e, em determinadas circunstâncias, essas decisões, por vezes externas, interagem para produzir formas e estruturas, que coexistirão ou não com as passadas. Dessa forma os objetos e ações se

interligam formando a espaço e a paisagem, isto é, não existe paisagem sem espaço e da mesma forma é impossível se ter um espaço sem sua materialidade, a paisagem.

A questão posta é a da natureza do espaço e sua interligação com a paisagem, que está justamente na compreensão de que a paisagem geográfica é um híbrido do espaço, das relações sociais e do histórico, ou seja, a paisagem é a sucessão de imagens vistas por nós, que espacializada é um produto resultado de somas, adições, subtrações e divisões no espaço e no tempo, resultado do meio ambiente sob ação da atividade humana, fruto do entrelaçamento das relações entre Natureza e Sociedade, Natureza e Cultura, e Natureza e História.

Para Landin (2004) são as relações de uso que, estabelecidas entre cidadãos e espaço combinam-se reagindo uns sobre os outros e uns com os outros tornando a paisagem um conjunto único e indissociável que evolui em bloco, e que conforme Costa e Gastal (2010) faz com que esta não participe como suporte passivo, mas sim como existência ativa, integrante e testemunha de uma dinâmica cultural que se constrói temporalmente e se espacializa.

Dessa forma a paisagem vai sendo resultado da impressão dos vínculos culturais que se estabelecem em uma coletividade ou em um sujeito cotidianamente que se ligam à produção de uma consciência gerando uma representação simbólica. A paisagem é pensada e vivida como relação social, isto é, a relação entre pessoas, ou ainda a comunicação entre sujeitos que se interconstituem no ato e pelo ato da troca, esta, agressiva ou não, mas que não pode deixar de ser social. A paisagem é tida então como a manifestação da ação humana ao se apropriar de um espaço, neste o homem e natureza não diferem como entes existentes, o homem é natureza, e tudo que ele constrói é partir desta.

Como um produto culturalmente construído, conforme Gamalho e Heindrich (p. 3-4), sua interpretação deve ir adiante de seus elementos objetivos, como forma, função e estrutura espacial, para que se possa captar a amplitude das manifestações culturais que, referenciadas sob sistemas de representação e valores permitem às pessoas se afirmarem, se reconhecerem e constituírem coletividades.

Admitir a paisagem em sua concepção cultural é concebê-la, segundo Almeida (2013) como um objeto concreto, material, físico e factual percebido pelos sujeitos por meio dos cinco sentidos. Desta maneira a paisagem torna-se a imagem sensorial, material, simbólica e afetiva dos espaços. A autora afirma que a definição contempla os conceitos de: paisagem visual que pelo sentido da visão é uma combinação dinâmica dos elementos físico-químicos, biológicos,

e antropológicos de forma interdependente; e paisagem valorizada que expressa o valor relativo (estético, simbólico e ideológico) que um sistema ou grupo social a determina.

Nesta parte do texto, assume-se a ideia de que todas as paisagens sofrem de forma direta ou indireta a ação social e, portanto:

(...) tomar a paisagem como campo de significação, é concebê-la como encontro de lógicas provenientes de diferentes escalas (indivíduo-grupo-sociedade). Lógicas essas, determinantes e determinadas pelos diferentes atores sociais que interagem e se apropriam diferentemente da paisagem. Para sermos coerentes com a realidade é preciso dizer que por esse viés, a paisagem também se apresenta como campo de sobreposição de interesses, e, portanto, reveladora de tensões e conflitos socio-ambientais que são constituintes dos próprios atores (CABRAL, 2000, p. 42).

Desvendar essa dinâmica social é fundamental e os múltiplos significados das paisagens simbólicas falam muito dos homens que as criaram, pois elas explicam a diversidade cultural do mundo em que vivemos (ALMEIDA, 2013). Esses diversos significados se dão em decorrência da paisagem não ser um todo homogêneo e sim diverso, plural, onde as partes se inter-relacionam para construir o todo, porém reservando sua individualidade (PIRES, 2013, p.107).

Assim sendo, a apreensão das paisagens ocorre de maneira subjetiva, simbólica e variável por meio das diferenciadas e inúmeras formas de apropriação, que são culturalmente conferidos pelas sociedades quando estas se adequam e adequam o espaço para as suas necessidades estabelecendo a identidade. A paisagem é entendida, portanto, não como o reflexo, mas como a própria materialidade das respostas produzidas pelas pessoas.

1.2 Topofilia

Dentro da abordagem cultural desenvolvida a respeito de paisagem é importante frisar que esta é suporte de uma identidade e mediadora das relações espaciais, como dito anteriormente. Buscando o sentido do concreto e do simbólico concernentes aos espaços e as correlações entre as expressões e extensões da percepção ambiental referentes à paisagem vivenciada no cotidiano apresenta-se o conceito de topofilia que:

(...) é um neologismo útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero, prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que

temos para com um lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 1974, p. 107).

Nesse sentido, maneiras de experienciar as paisagens incorporam as interações imanentes ao significado do vivido, resultando em diversas e diferenciadas percepções, valores, e atitudes diante de espaços e paisagens, conduzindo à percepção de realidades geográficas que extrapolam as coordenadas cartesianas, as mensurações matemáticas, as demarcações de meridianos e paralelos, para fundamentarem-se em bases fenomenológicas (GUIMARÃES, 2002, p. 125).

A topofilia acontece quando a paisagem, conforme a mesma autora, em suas múltiplas faces mescla-se com a vida, com o sonho, com o desejo de cada cultura, enquanto um único corpo e fragmenta-se para envolver atitudes e condutas, de formas e símbolos, de ciclos, movimentos, ritmos, de agir e não-agir. Partindo das experiências e percepções transformadas em imagens de mundos culturais próprios, paradoxos de percepções, experiências, valores, memória e afetividade identificam as paisagens, mas essa identificação não se apresenta em um sentido de mera observação, mas como o ato de auto reconhecimento, ou seja, de ver se a si próprio no espaço.

A afeição, familiaridade e intimidade com o espaço e símbolos dão a sensação à homens e mulheres de que estes são pertencentes a paisagem e de que determinada paisagem lhes pertence. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade em que os símbolos expressam valores e, a partir disso, criam uma memória comum voltada para a simbologia, enaltecendo e classificando-a como o melhor lugar para se viver (BARBOSA, 2008, p. 7).

Segundo Tuan (1974) a topofilia é a interpretação daquilo que com o tempo e a vivência se torna emocionalmente forte a ponto de conectar as pessoas pela lembrança de fatos históricos à realidade circundante. Nesse caso, laços estabelecem-se por meio dos espaços experienciados, fazendo com que a paisagem não se restrinja apenas como substrato e meio, mas sim como uma herança revelada em testemunhos de uma objetividade que vai emergindo da própria subjetividade, tendo em vista, que a realidade geográfica nos conduz às múltiplas dimensões do vivido, extrapolando os limites territoriais muito além das suas imbricadas interações relativas à matéria (GUIMARÃES, 2002, p. 120).

A topofilia é, então, o elo afetivo entre a pessoa e o ambiente físico à medida que os grupos culturais enxergam os espaços como seus (TUAN, 1974). Estas relações são

intensificadas, interiorizadas, gerando processos combinados e simultâneos de construção, destruição e recuperação da paisagem, de naturezas diversificadas (GUIMARÃES, 2002, p. 120).

1.3 A imagem como ferramenta de análise

Interpretar a paisagem por meio da imagem representa o intento de buscar os traços e registros que a cultura/sociedade deixam no meio onde se inserem. É buscar a compreensão das peças que se articulam, e que por estarem postas em articulações oferecem diferentes combinações e, por isso, revelam elucidações que aceitam uma leitura do espaço humanizado e das trocas cotidianas que conferem a identidade ao local.

Nesse sentido, ao considerar a imagem como fonte para o trabalho, conforme Coelho (2008), somos conduzidos a um campo do conhecimento que trata das criações e produções humanas e que valoriza os registros deixados pelo homem como uma experiência sensível do mundo possibilitando a apreensão de seus significados. As imagens, então, tornam-se demonstrações de sensibilidades que se remetem ao mundo do imaginário, da cultura e do conjunto de significações tecidas acerca do mundo.

Estudar a imagem é abranger como as pessoas interpretam os lugares onde vivem. Admitimos esta como a reprodução da paisagem híbrida sequenciada por nós nas nossas mentes. Assim, pode-se dizer que por meio da imagem se tem acesso aos elementos fundamentais, noções e impressões que constroem a representação de um determinado lugar (NASCIMENTO e COUTO, 2009), ou seja, as imagens só nos informam, pois, contêm significados, reproduzem o mundo, trazem recordações a memória, representam e transmitem sensações, que ao serem capturadas pela visão são moderadas pelos indivíduos (COELHO, 2008, p. 2).

Para ler uma imagem deve-se ter em mente alguns objetivos, principalmente sobre o que se quer ver e ler. Podem ser identificados na leitura, conforme Coelho (2008, p. 7), os aspectos referentes ao sentido e ao significado, que remetem ao plano do simbólico. Pode-se buscar também a origem, a explicação de determinada realidade, pois como representação as imagens guardam em si vestígios da realidade, caracterizando-se desta forma como um texto, uma narrativa que conduz o espectador pelos caminhos do imaginário, pois ao representar o real, cria-se uma nova realidade.

2 O BAIRRO, A APAFAZ E A FAIXA DE ORLA PÚBLICA: ANÁLISES DO SÍTIO E DIAGNÓSTICO

Objetivando a esquematização e compreensão das análises optou-se por desenvolver o conteúdo em três partes: o bairro, a APAFAZ (Área de Proteção Ambiental de Fazendinha) e faixa de orla. O capítulo compõe-se dessa forma buscando encontrar aquilo que caracteriza, separa e aproxima esses espaços e suas paisagens através das relações entre homem e natureza materializadas diariamente por meio da cultura e do trabalho.

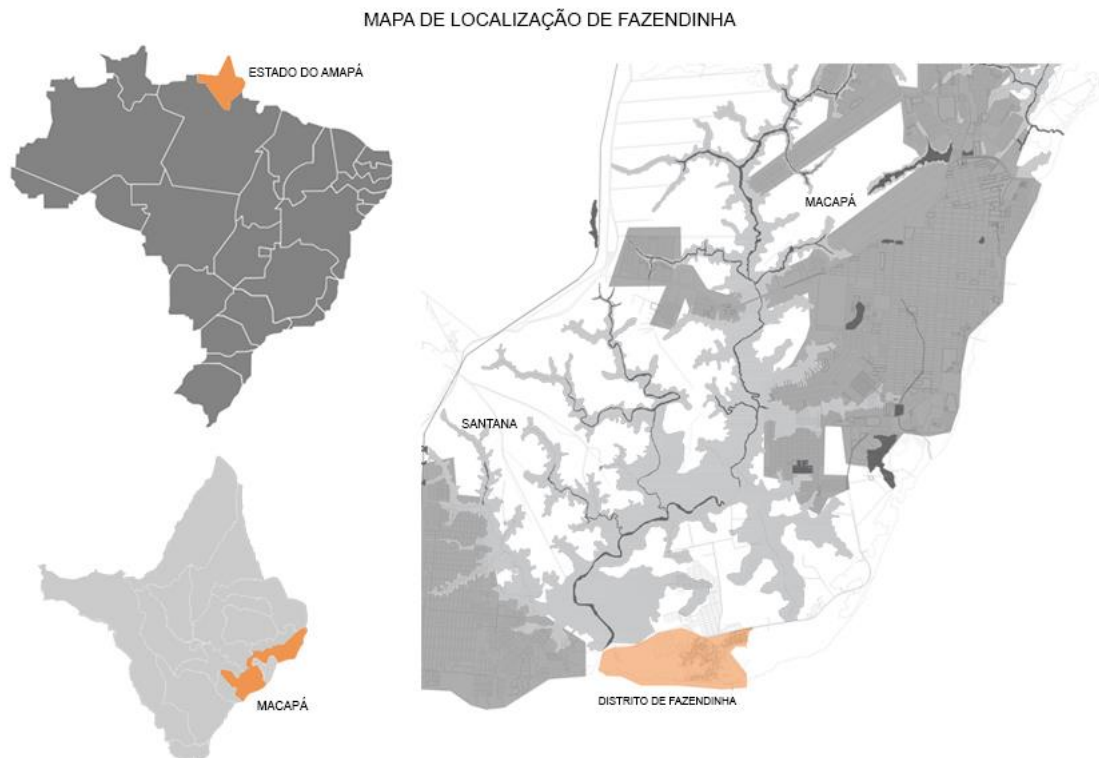
O conteúdo é apresentado em: histórico, onde são expostos alguns apontamentos importantes na conformação urbana do bairro; aspectos físicos, onde se evidencia o clima, o solo, o relevo e a hidrografia. Esta última vai além da abordagem física permitindo discussões acerca das relações socioculturais que correspondem a paisagem aquática da localidade.

Em sequência as análises físicas e históricas são abordados: os aspectos urbanos, que mostram as singularidades referentes ao espaço e sua morfologia; a área de proteção ambiental; a faixa de orla onde há uma caracterização da infraestrutura e das relações estabelecidas entre as pessoas e a paisagem no espaço público beira-rio; e a revisão da legislação pertinente. Faz-se a leitura da configuração espacial que caracteriza o bairro de Fazendinha e a APA, entendendo que estes são marcados pela ação humana e por isso imbuídos de significados.

2.1 Localização

O Distrito de Fazendinha que está localizado na foz do rio Amazonas e as margens da Rodovia Juscelino Kubistchek, foi constituído no centro das duas maiores cidades do Amapá, Macapá e Santana.

Fazendinha de acordo com IBGE (2010) tem uma população com cerca de 9.226 habitantes, sendo 4.647 homens e 4.579 mulheres, distribuídos em duas áreas: a urbana consolidada e a Área de Proteção Ambiental de Fazendinha, que além da diversidade natural abriga os núcleos urbanos do Igarapé da Fortaleza e das margens do Rio Paxicú. Entende-se então que a localidade é composta por um heterogêneo, que por vezes se sobrepõe e se superpõe tendo suas diferenciações marcadas no cotidiano pela relação entre os indivíduos e o meio que correspondem a variadas respostas.

Figura 1- Mapa de localização de Fazendinha.

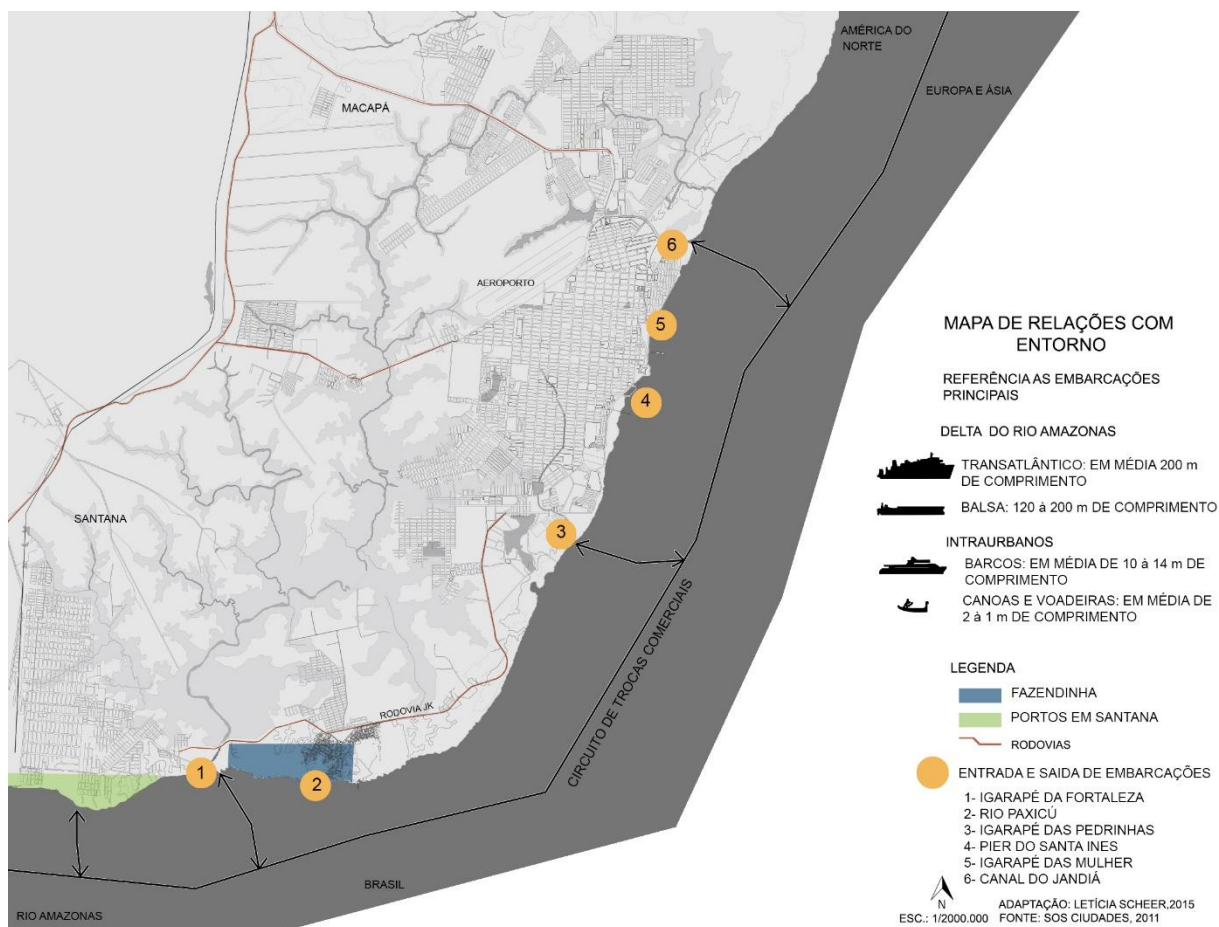
Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013 e Correa, 2015.

É importante citar ainda que o Distrito se insere nas tramas dos circuitos global, regional e local, constituindo-se então como um ponto de sobreposição de interesses. Essas relações são marcadas pelo grau de compartilhamento de trocas e atividades estabelecidas principalmente pelo espaço aquático do Rio Amazonas.

Nesse sentido, no circuito global, Fazendinha é apenas ponto de passagem de transatlânticos e grandes balsas que fazem a travessia Santana-Brasil e Santana-Europa, ou seja, não existe participação direta, mas existe influência desse tráfego sobre a localidade. Já no circuito regional, que é configurado pelas redes da economia informal nota-se maior participação em decorrência das atividades ligadas ao comércio, extração e transporte de mercadorias e pessoas que são realizadas na APAFAZ através do Igarapé da Fortaleza e do Paxicú (dois principais cursos d'água que permeiam a área de proteção ambiental e fazem fronteira com o urbano consolidado das cidades de Macapá e Santana).

Observa-se ainda, sob a mesma ótica de análise o circuito local gerador de trocas, movimentação e fluxos diários de menores embarcações por meio do estabelecimento de rotas aquáticas entre os cursos d'água já citados e canais da cidade de Macapá como: Jandiá, Pedrinhas e Igarapé das Mulheres.

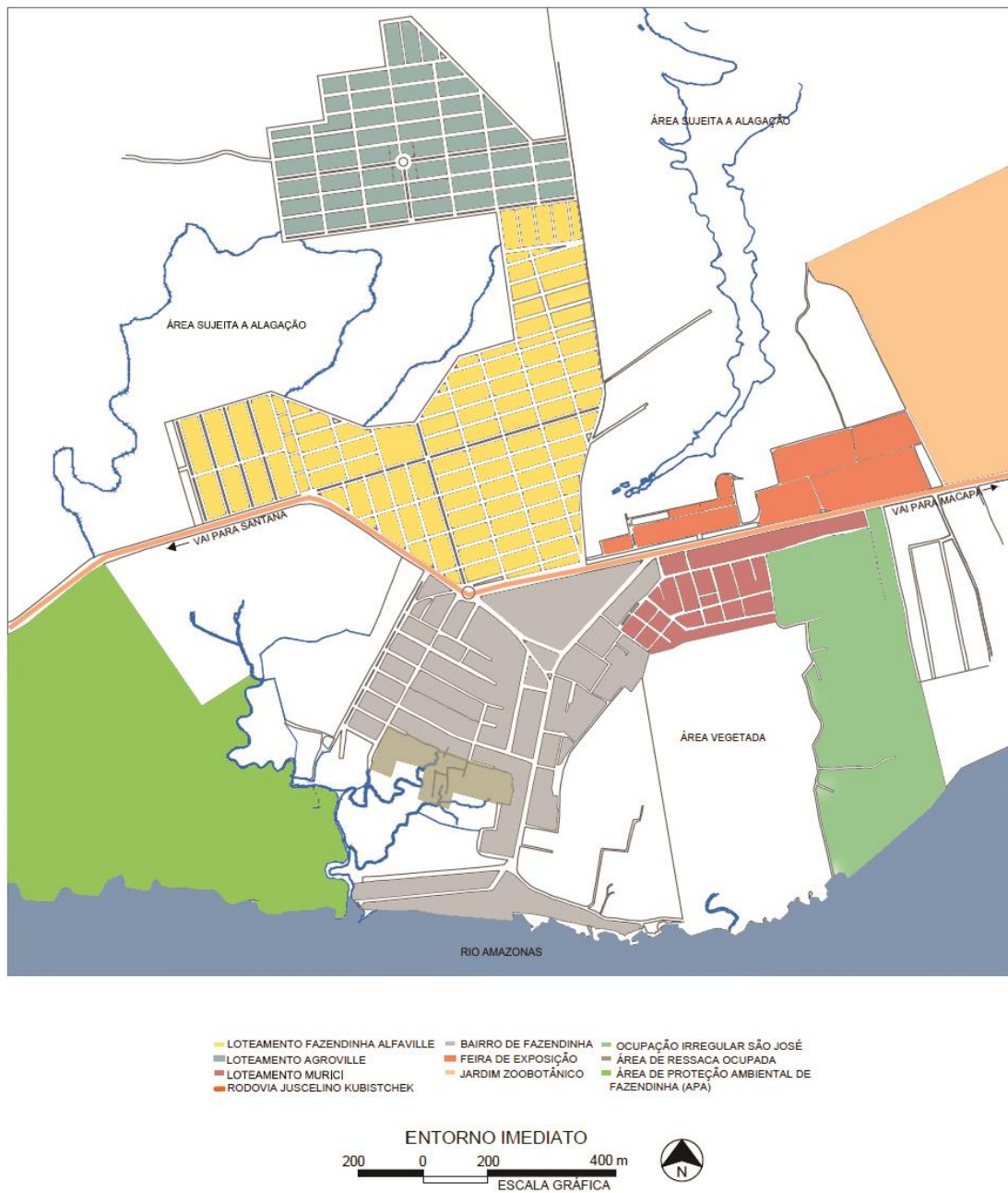
Figura 2- Mapa de relações com o entorno.



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

Além das relações via água que se estabelecem entre Fazendinha e os circuitos citados, destaca-se também as ligações referentes à Rodovia Juscelino Kubistchek, que por se configurar como um dos eixos de expansão das cidades de Macapá e Santana apresenta uma série de propriedades privadas, loteamentos, grandes empreendimentos comerciais e alguns espaços públicos remanescentes que por seus arranjos e acomodações fragmentam o espaço ao longo do eixo de mobilidade.

Essa fragmentação é também evidenciada ao se analisar o entorno imediato do Distrito de Fazendinha que é composto pelos bairros Murici, Alpha Ville, Agrovilla, ocupação São José, Parque zoobotânico e Parque de exposições (Expofeira). É importante dizer que os bairros e estruturas postos ao mesmo tempo em que tem sua mobilidade estabelecida pela rodovia não conseguem estabelecer ligações espaciais diretas. Nesse o caso o elo também é uma espécie de fronteira que direciona os fluxos para Macapá e Santana dificultando, mas não impossibilitando a existência de trocas e vivências entre os bairros.

Figura 3- Mapa de entorno imediato.

Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

2.2 Histórico

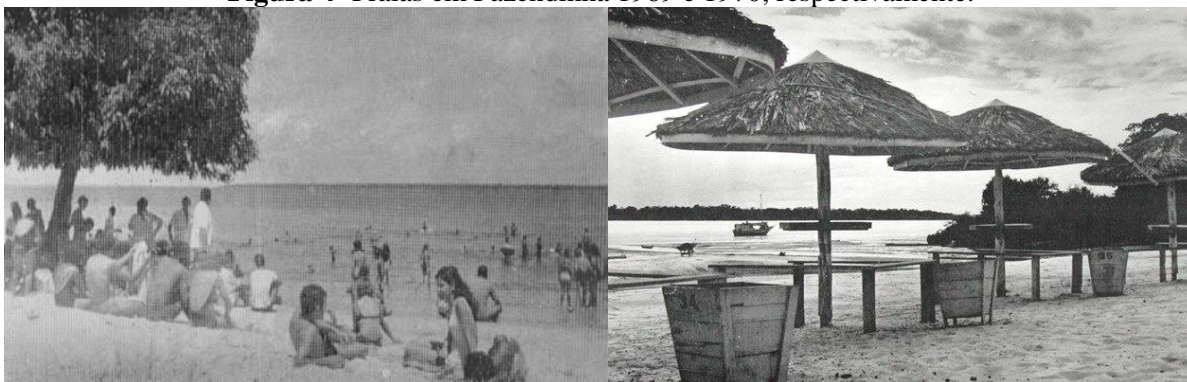
Os primeiros indícios históricos partem do início da década 1930, onde a área era uma fazenda a qual pertencia à família Coutinho, que de origem portuguesa imigrou para a região. Os filhos do referido chefe de família herdaram as propriedades. Estas posteriormente foram repassadas a seus filhos, que menores de idade ficaram sob a tutela do Coronel Jovino Dinoá. Ao tornar-se o novo administrador, o Coronel, dividiu as terras em lotes e os alugou para

seringueiros, pescadores e agricultores, em sua maioria advindos do estado Pará e da região Nordeste do país, dando início a um núcleo de povoamento (TOSTES, 2013).

Em meados de 1950 com o crescimento das cidades próximas um novo uso do espaço começou a ser observado. O distrito por suas praias tornou-se parte das opções de lazer dos cidadãos. Conforme Lobato (2014) as areias de Fazendinha eram ocupadas por dezenas de banhistas nos dias quentes, especialmente nos finais de semana.

Na década seguinte, um grande número de pessoas acorria à praia de Fazendinha. Esse maior interesse do público pela área somado as reduzidas opções para divertimento nas cidades de Macapá e Santana foram efetivando o uso desse espaço para o lazer. Como consequência fixaram-se outras famílias no local, e foram assim surgindo os primeiros estabelecimentos comerciais ao longo da praia. Os novos usos do espaço demandavam aos agentes públicos o fornecimento infraestruturas. De acordo com Tostes (2013), a partir de então foram implantadas barraquinhas, estacionamento, calçadão, melhoria nos acessos e estabelecimento de rotas de transporte público.

Figura 4- Praias em Fazendinha 1969 e 1970, respectivamente.



Fonte: <http://josealbertostes.blogspot.com.br> e <http://fernando-canto.blogspot.com.br>, 2015.

Outro indicativo importante da década foi criação da Feira Agropecuária que ocasionou a expansão do Distrito. Este até então limitava-se a área de orla. Nesse período, o Plano Grumbielf do Brasil propôs a implantação do polo hortifrutigranjeiro com granjas de 8 a 10 hectares. A sugestão foi implementada posteriormente por meio da parceria entre Prefeitura e Estado visando a utilização da área para produção de alimentos para as cidades próximas. O decênio de 1960, é um dos mais importantes para o distrito pois é a partir daí que este passa a ter algum desenvolvimento.

Somente a partir de 1988, Fazendinha passa de Vila para Distrito de Macapá. Com as atividades vinculadas ao balneário, ao matadouro e ao polo hortifrutigranjeiro, nos anos de

1990, segundo o Relatório Municipal elaborado pela Prefeitura, residiam na área cerca de 874 habitantes distribuídos em cerca de 206 edificações. O relatório elencou os principais problemas apontados pela população. Dentre eles estavam saúde, água, transporte, escolas, energia, iluminação, asfaltamento, alimentação e contaminação da praia. O documento também mostrou que dentre as principais reivindicações estavam: melhoras no sistema de saúde e de distribuição de água, construção de escolas, melhoria no transporte público, asfaltamento, construção de praça, construção de feira e melhorias no matadouro. Tais questões demonstram que Fazendinha já possuía uma área urbana consolidada e que no sentido de fornecimento de infraestrutura pouco foi acrescentado.

Nos anos subsequentes houve o estabelecimento da Reserva Biológica de Fazendinha, transformada posteriormente em Área de Proteção Ambiental. Tal fato consistiu na fragmentação do espaço verde da área urbanizada através da limitação de usos. Adiciona-se ainda a construção do muro de arrimo juntamente com o complexo de Fazendinha no início dos anos 2000. Nesse ponto do texto se faz necessário inferir que essas duas posições adotadas pelos agentes públicos criaram novos rearranjos espaciais, ou seja, as imagens produzidas, percebidas e significadas no imaginário coletivo que representavam a paisagem passaram, a partir de então, por um processo de ressignificação, reapropriação e reprodução.

Na pesquisa elaborada, construir uma linha temporal como esta tem o objetivo de mostrar que ao decorrer do tempo as atividades urbanas se modificaram em Fazendinha e com elas as representações que os agentes sociais criaram para o espaço. Algumas atividades foram e vem sendo substituídas ou abandonadas mediante a introdução e a incorporação de outros elementos e características na vida cotidiana, e outras passam a coexistir. Ao analisar as inserções urbanas supracitadas se torna possível ressaltar que os usos do espaço na localidade foram planejados pontualmente tornando a paisagem impregnada de frações isoladas marcadas por fragmentações e remodelações espaciais.

Nesse sentido, ao investigar o território de Fazendinha percebe-se evidentemente que a fragmentação da paisagem é consequência da influência direta do homem na gestão do espaço no tempo. A inserção do matadouro, do polo hortifrutigranjeiro, do complexo, da delimitação da área de proteção ambiental e a expansão do núcleo de povoamento urbano, criaram essas fragmentações, que mesmo em suas fronteiras interagem de forma dinâmica conforme o contexto onde se inserem. A retirada e a inclusão de funções urbanas na área foi modificando ao longo dos anos o espaço e consequentemente as imagens urbanas.

2.3 Elementos físicos

2.3.1 Clima, insolação, ventilação e precipitação

O clima predominante é o equatorial com duas estações distintas e marcantes, sendo a primeira a estação chuvosa que acontece entre os meses de dezembro a junho, onde incide 90% do volume das precipitações anuais, e a segunda, a estação seca, que se inicia julho e chega ao fim de novembro. As temperaturas mensais de acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia variam entre 21 a 32,5° C e a umidade 75 a 94 %, sofrendo diferenciações de acordo com a intensidade pluviométrica.

Quanto a precipitação aponta-se outubro como o mês mais seco apresentando apenas cerca de 35,5 mm e março como o mais chuvoso, com 407,2 mm. A distribuição das chuvas por trimestre expressa que o acumulado de janeiro a março é 41% do total anual; de abril a junho, 37,2%; de julho a setembro, 12,7%; e de outubro a dezembro, apenas 9%. A distribuição das chuvas por quadrimestre expressa que o acumulado de janeiro a abril é 56% do total anual; de maio a agosto, 33,2%; e de setembro a dezembro, apenas 10,8% (SANTOS, TAVARES, *et al.*, 2014, p. 17).

A ventilação dominante vem do Nordeste. Nesse caso o Rio Amazonas atua como um grande corredor de ventilação fazendo com que, principalmente a faixa de orla esteja mais suscetível as ações do vento.

2.3.2 Relevo e solo

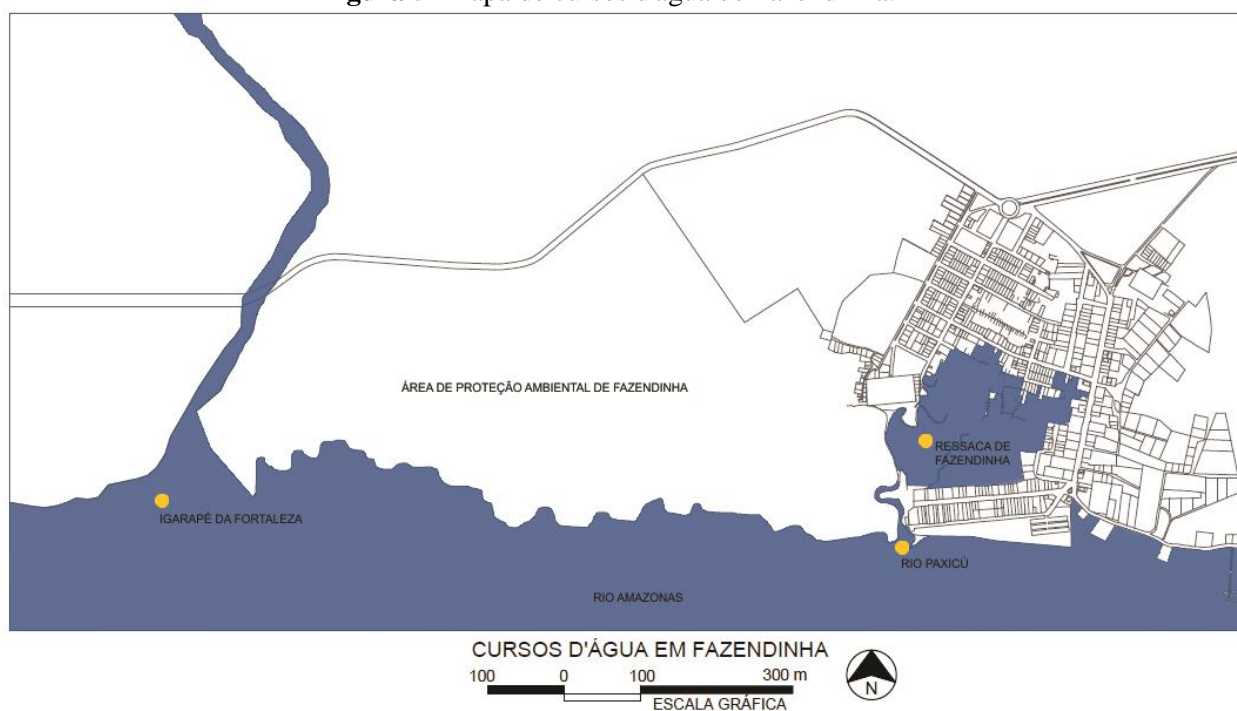
Dentre as cinco unidades morfoestruturais encontradas no Estado, Fazendinha se insere, conforme Torres e El-Robrino (p. 16) no planalto Rebaixado da Amazônia, que apresenta altitude média de 100 metros, sendo constituída por sedimentos do Grupo Barreiras, apresentando caimento suave para o Rio Amazonas e possuindo uma densidade elevada da rede de drenagem. Por estar no trecho correspondente a baía de Macapá, esta, segundo os autores, por ser frequentemente interrompida pelas formações terciárias (sedimentos do Grupo Barreiras), na forma de falésias, insere-se no Alto Setor Costeiro Estuarino, onde a planície costeira estreita-se em direção ao sul e os sedimentos do Grupo Barreiras estão mais próximos da linha de costa destacado pequenas praias retilíneas e arenosas (Id., p.17). Quanto ao solo, o identificado, de acordo com (JUNIOR, 2009) é o Gleí Pouco Húmico de textura argilosa e solos Hidromórficos indiscriminados.

É importante ressaltar ainda as características físicas predominantes do relevo encontrado no Distrito e na APAFAZ. Estas foram classificadas em três segmentos. A primeira, classificada como área de terra firme é composta por altos barrancos nas margens dos rios, com alturas variando de 5 a 12 metros, estando fora do alcance das águas provenientes do efeito do represamento provocado pelas marés na foz do Rio Amazonas. A segunda, área de várzea que é formada normalmente por sedimentos argilosos e siltico argilosos de coloração cinza. E por último, a ressaca que apresenta cotas topográficas mais baixas que a terra firme, e é constituída por sedimentos argilosos e argilo arenosos de coloração cinza amarelada, contendo vegetais e restos orgânicos, com camadas arenosas subsuperficiais (SANTOS, TAVARES, *et al.*, 2014, p. 18-19).

2.3.3 Hidrografia

Para entendermos sobre a hidrografia de Fazendinha faz necessário se inferir não apenas as questões de critério técnico, mas também aquilo que permeia a vida e o usos da paisagem fluvial. No contexto se destacam: o Rio Paxicú, localizado na margem direita da Área de Proteção Ambiental, que também é responsável por originar a ressaca por detrás do Complexo turístico; o Igarapé da Fortaleza, que delinea a margem esquerda da APAFAZ e segue em direção à Lagoa dos Índios; e o rio Amazonas.

Figura 5- Mapa de cursos d'água de Fazendinha.



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

Em Fazendinha, a apropriação, as tramas de usos e as relações do espaço aquático se dão de maneira diferenciada de acordo com a interferência humana que é singularizada pelas manifestações culturais e o modo de vida. As águas foram apropriadas como paisagens urbanas que propiciam circulação de bens e pessoas, lazer e trabalho. Dessa forma falar sobre as águas é tratar de algo simbólico, daquilo que dirige a vida. É analisar as relações que envolvem o indivíduo ao meio, fazendo com que este transforme e seja transformado pela paisagem por meio de uma dinâmica própria que associa os ciclos naturais as necessidades básicas da vida urbana.

Figura 6- As águas e os usos de circulação e de trabalho.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

Assim sendo, no Paxicú a comunidade ribeirinha que reside a sua margem faz do rio meio de subsistência, trabalho e locomoção. No igarapé da Fortaleza, por ser o único canal sempre navegável das cidades de Macapá e Santana, atividades como comércio, transporte de pessoas e mercadorias se desenvolvem em proporções significativas com movimentações diárias e intensas. No Amazonas acontece a convergência de fluxos e de interesses internacionais, nacionais e regionais, pois este atua como organismo agregador que comporta as diferentes proporções de atividades.

Pensemos no Amazonas como um conector, visto que, inclusive o regime hidrológico da bacia do Igarapé da Fortaleza e do rio Paxicú são influenciados pela dinâmica de suas águas. O comportamento hidrodinâmico destes dois está diretamente associado à variação diária da maré, gerando, ao longo do seu baixo curso, um comportamento diferenciado, caracterizado por uma vazão positiva (com fluxo em direção à foz) com duração de 07:30 horas, associada diretamente ao período de maré vazante, e uma vazão negativa (com fluxo em direção à montante) com duração de 05:00 horas, associada diretamente ao período de maré enchente (SANTOS, TAVARES, *et al.*, 2014, p. 19).

Dentro dessa dinâmica as maiores amplitudes de maré são encontradas entre setembro e novembro, alcançando cerca de 3 metros. Estas variações de marés do Amazonas inundam também o Igarapé da Fortaleza e o Rio Paxicú, que se ligam as ressacas e as mantem submersas durante o período de cheia das águas fluviais que vai de janeiro a junho. Faz-se necessária a inferência de que essa dinâmica das águas dos rios somadas aos altos índices pluviométricos já causaram inundações na área do Complexo de Fazendinha.

2.4 Elementos Urbanos

2.4.1 Morfologia urbana em Fazendinha: considerações sobre as parcelas do espaço

O termo morfologia é utilizado para designar o estudo da configuração e da estrutura das formas urbanas como manifestação física de um contexto cultural. De acordo com Rego e Meneguetti (2011, p. 124) a base da morfologia urbana é a ideia de que a organização do tecido da cidade e seu desenvolvimento não são aleatórios, mas seguem quesitos como a formação física da cidade e a dinâmica dos moradores, condicionados pela cultura, economia, sociedade, tempo e determinações políticas.

Nesse sentido, as tessituras são os arranjos das formas espaciais que caracterizam bairros e cidades. Sua configuração vincula-se ao sistema viário, ao padrão de parcelamento do solo, a aglomeração das edificações e aos espaços livres e verdes que as compõem. As edificações, as ruas, as quadras, os lotes, as praças, os cursos d'água, as manchas verdes e os monumentos em seus mais variados arranjos são organismos espaciais que estão em constante atividade e transformação.

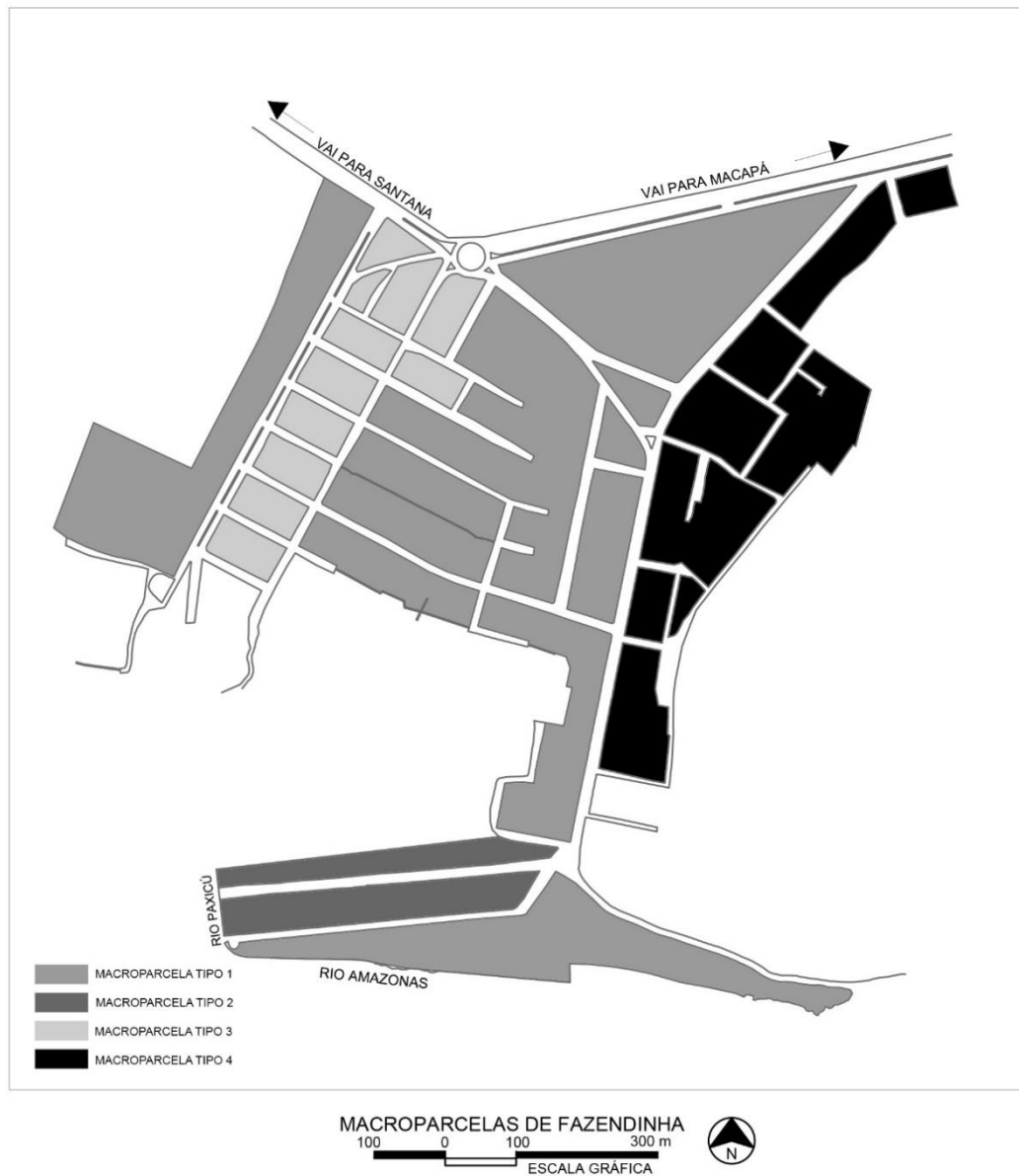
Portanto, tratar sobre a morfologia urbana de Fazendinha é considerar o espaço como um conjunto de relações realizadas através de funções e formas que marcam a paisagem por meio do cruzamento ou da ausência de diálogos entre as dinâmicas e usos.

Começamos as análises morfológicas com as macroparcelas urbanas, que são a composição de polígonos, representando a divisão do solo em quadras (KOHLSDORF e KOLSDORF, 2005). Essas macroparcelas são frutos da construção individual e coletiva do espaço, que em Fazendinha não se deu uma só vez, mas por processos de acréscimos e substituições fazendo com que as paisagens estejam inscritas e circunscritas umas sobre as outras.

Destaca-se quatro tipos de macroparcelas que se diferenciam pelo momento da ocupação, pelo uso estabelecido do solo e pela adaptação ao meio. À primeira vista se observa

uma descontinuidade ou falta de planejamento que acabam por conferir uma espécie de malha de retalhos com dificuldades de conectividade e poucas referências aos usuários. Pode-se inferir que existem rupturas e descontinuidades no tecido urbano estudado.

Figura 7- Mapa de macroparcelas do bairro de Fazendinha



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

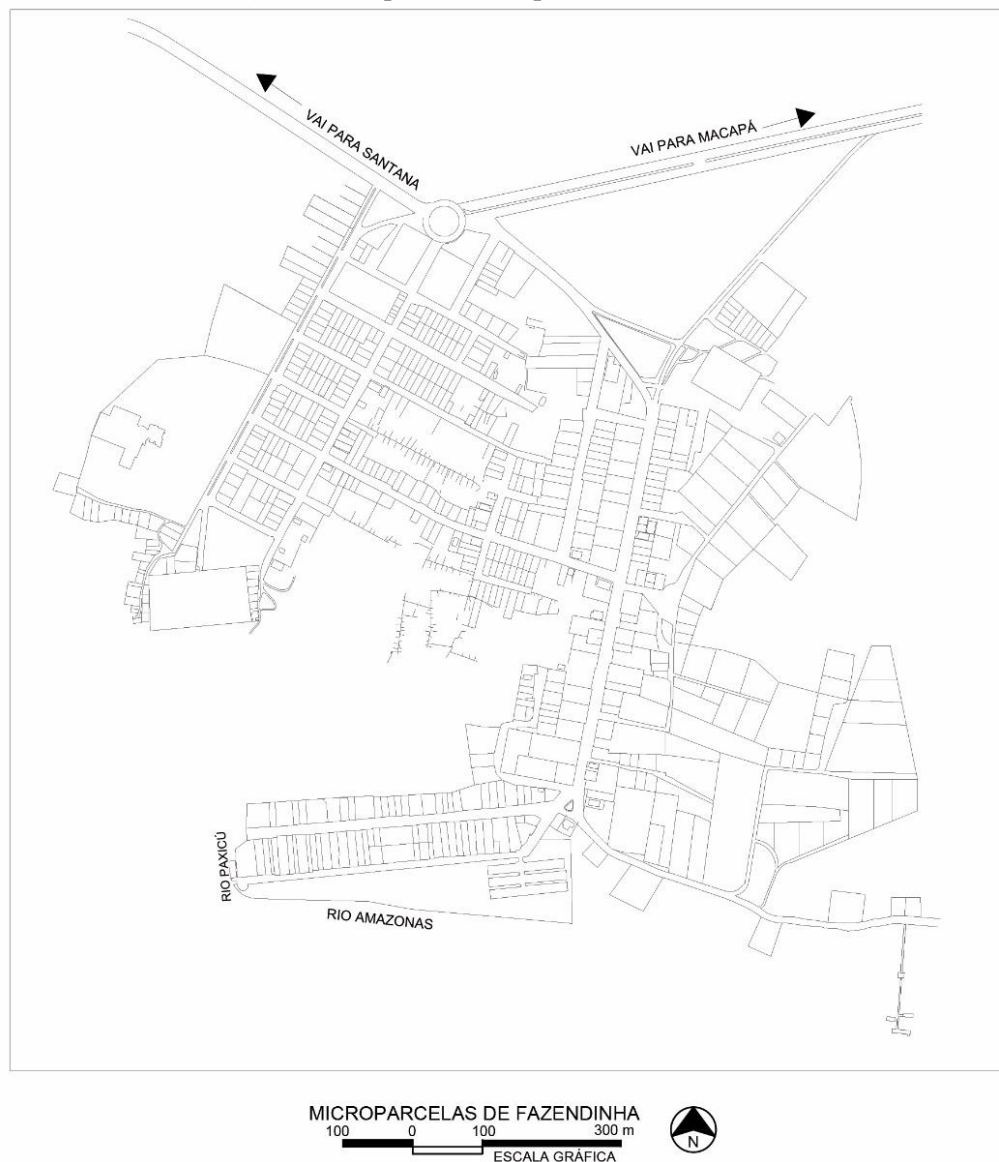
No mapa acima se faz menção ao sistema de macroparcelas encontrado e destaca-se: o tipo 1 que faz referência aos polígonos irregulares condicionados dessa forma devido a necessidade de adaptação ao meio, nesse caso, aos cursos d'água e as áreas de ressaca; o tipo 2 caracterizado por formas mais lineares, uma espécie de retângulo esticado, resultado do primeiro núcleo de ocupação do bairro implantando com a frente para o rio; o tipo 3 que é o

mais regular, e por isso aponta o indicativo de tentativa de planejamento, visto que essa é a forma comum das quadras da cidade; e o quarto tipo que também é representado por parcelas irregulares que se diferenciam por serem reflexo da implantação do polo hortifrutigranjeiro.

As macroparcelas marcam a dinamicidade do território de Fazendinha uma vez que a multiplicidade de funções gera maior diversidade de formas apontando que o espaço tem uma ligação, uma unidade, mas não tem homogeneidade.

Tais apontamentos ficam mais evidenciados nas microparcelas que são as frações das macroparcelas, os lotes. Essas parcelas menores seguem também a lógica supracitada.

Figura 8- Mapa das microparcelas de Fazendinha



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

Na imagem pode-se perceber o comportamento heterogêneo e combinado das microparcelas: a direita encontram-se as maiores; na borda do rio Amazonas os lotes alongados e esguios; no centro ocupações irregulares que não aparecem em forma de macroparcelas mas que causam impactos na paisagem pois a remodelam e a adaptam para a vida; e mais próximo a rodovia os lotes são mais regulares, com traçado mais ortogonal. Essas diferenciações estão expressas também nas dimensões dos lotes que possuem seus tamanhos variando entre 200 e 1.400 metros quadrados. Essa discrepância acontece devido aos diferentes usos do espaço de Fazendinha.

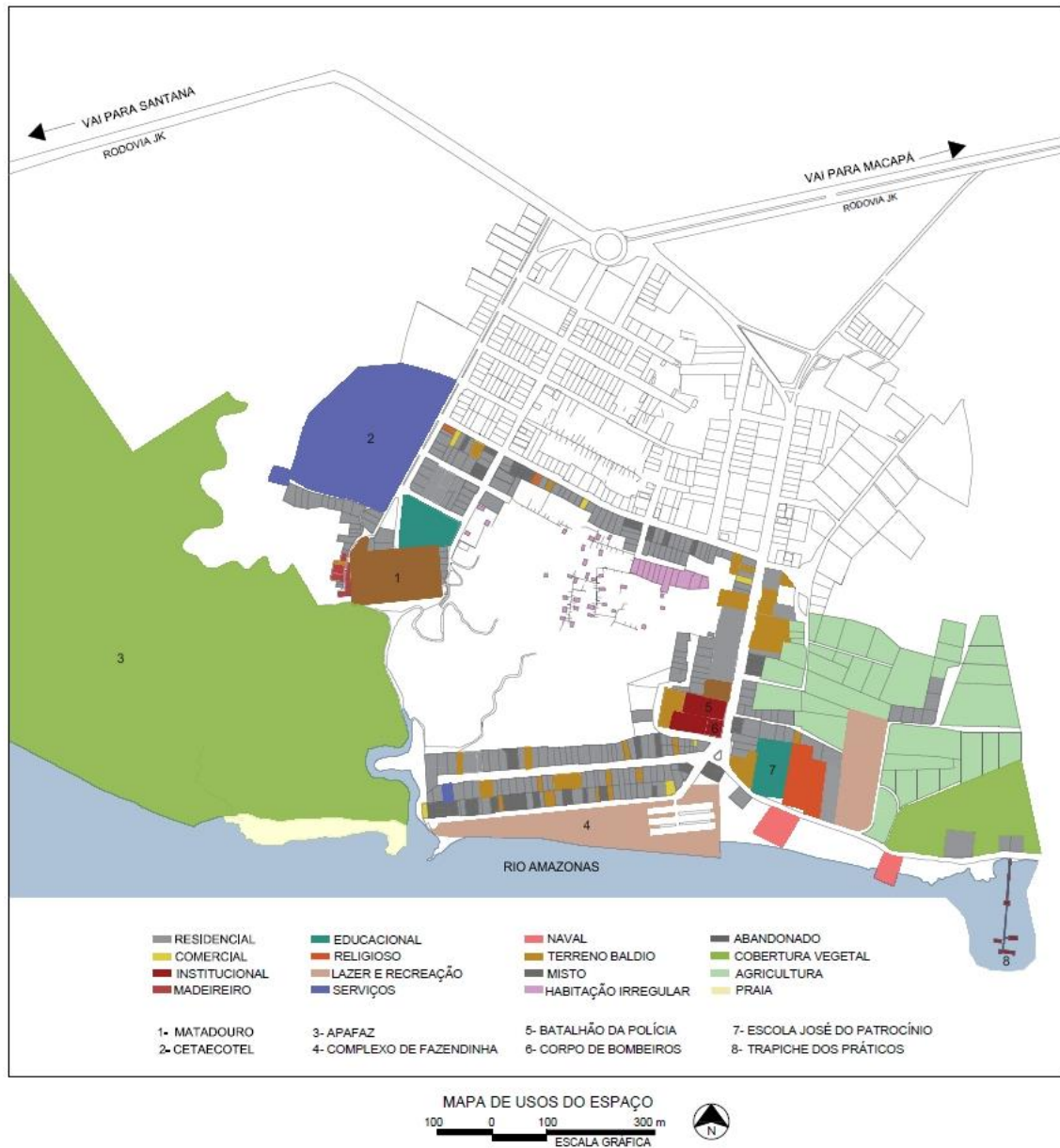
Essa morfologia urbana participa diretamente na formação da paisagem híbrida de Fazendinha, carregada de símbolos e significados onde os diversos elementos se cruzam na composição da identidade do seu morador através do cotidiano, e que, de acordo com Gamalho e Heindrich (p. 10) ao mesmo tempo em que se expõem as marcas de tempos passados, são influenciados pelo novo, como um mosaico da vida humana.

2.4.2 Usos do solo

Buscando mostrar os conteúdos que formam a paisagem e as características espaciais vinculadas aos aspectos identitários mencionamos os usos que são, em essência, a geração dos valores e utilidades que compõem o espaço.

Dessa forma, no espaço plurifuncional de Fazendinha ocorrem variados acontecimentos: do comércio à circulação, do ponto de encontro ao lugar de construção de barcos e navios. Mesclam-se lógicas de habitação, comércio, propriedades agrícolas, lazer e turismo. Trata-se não de um espaço neutro, mas de um espaço produzido diariamente sob a atuação humana que, de acordo com Maciel (2011, p.43), é a um só tempo, continente e conteúdo dos signos e símbolos de um imaginário impregnado pelas crises inerentes às relações humanas.

Para a análise dos múltiplos processos espaciais que acontecem em Fazendinha elaborou-se o mapa abaixo, que num trecho de aproximadamente 600 metros lineares ao norte da faixa de orla traz como categorias os seguintes usos do solo: residencial, comercial, institucional (compreende os serviços oferecidos pelo Estado), educacional, religioso, lazer e recreação, serviços, terreno baldio, misto, habitação irregular, abandonado e agrícola.

Figura 9- Usos do espaço.

Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

Na parte superior do perímetro estabelecido predomina o uso residencial, com o aparecimento de algumas parcelas mistas referentes principalmente a coexistência entre o local de moradia e pequenos mercados. A habitação irregular em forma de palafitas, ao avançar as águas da ressaca também marca esse perímetro e revela a adaptação necessária dos moradores para com o meio. Nota-se a presença de pequenas madeireiras ao lado do antigo Matadouro, que se ligam a extremidade do rio Paxicú e o utilizam como meio para o trabalho.

Figura 10- Ressaca habitada e atividade madeireira.



Fonte: Acervo da autora, 2015.

No espigão central do bairro destaca-se a presença da instituição Estado, ao utilizar algumas parcelas do solo para o fornecimento das estruturas necessárias a vida urbana como posto de saúde, ponto de policiamento e base do corpo de bombeiros.

Na parcela direita do mapa damos destaque a agricultura que se desenvolve pela implantação do polo hortifrutigranjeiro e aos estaleiros que atuam diretamente na escala regional pela sua produção de barcos e navios para as localidades vizinhas. A praticagem também deve ser mencionada, pois atua no controle da entrada e saída de navios estrangeiros desse ponto da costa do Estado.

Figura 11- Trapiche dos práticos e estaleiros de construção de embarcações.



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Diretamente ligado as águas desenvolve-se o lazer devido a estrutura livre e pública proposta que conta com algumas quadras para esporte, barracas, calçadas, playgrounds e pista de skate. Observa-se nessa faixa maior concentração de microparcelsas com atividades mistas,

isso acontece justamente pela existência dos restaurantes que dão apoio a estrutura de lazer posta.

Figura 12- Complexo de Fazendinha e áreas mistas (restaurantes).



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Na parte oeste destaca-se uma intensa cobertura vegetal e as praias que bordejam o rio. Ambos fazem parte das delimitações da área de proteção ambiental. Alguns pontos residenciais são notados, fato que decorre da apropriação de ribeirinhos que habitam a área e utilizam a mata como meio de subsistência e renda.

Figura 13- Praias e residências ribeirinhas estabelecidas nas bordas da APAFAZ.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

Com esses distintos e diversos usos do solo o espaço de Fazendinha se desenvolve em suas tramas tornando a paisagem híbrida e compósita dessas dinâmicas que se entrelaçam, se sobrepõem e até mesmo, por vezes, não dialogam. O que queremos apontar é que mesmo apresentando certa fragmentação devido as diferenciações de tamanho, forma, aparência e tipo das superfícies que se inserem no bairro o espaço é palco da vida humana e nele, as casas, o

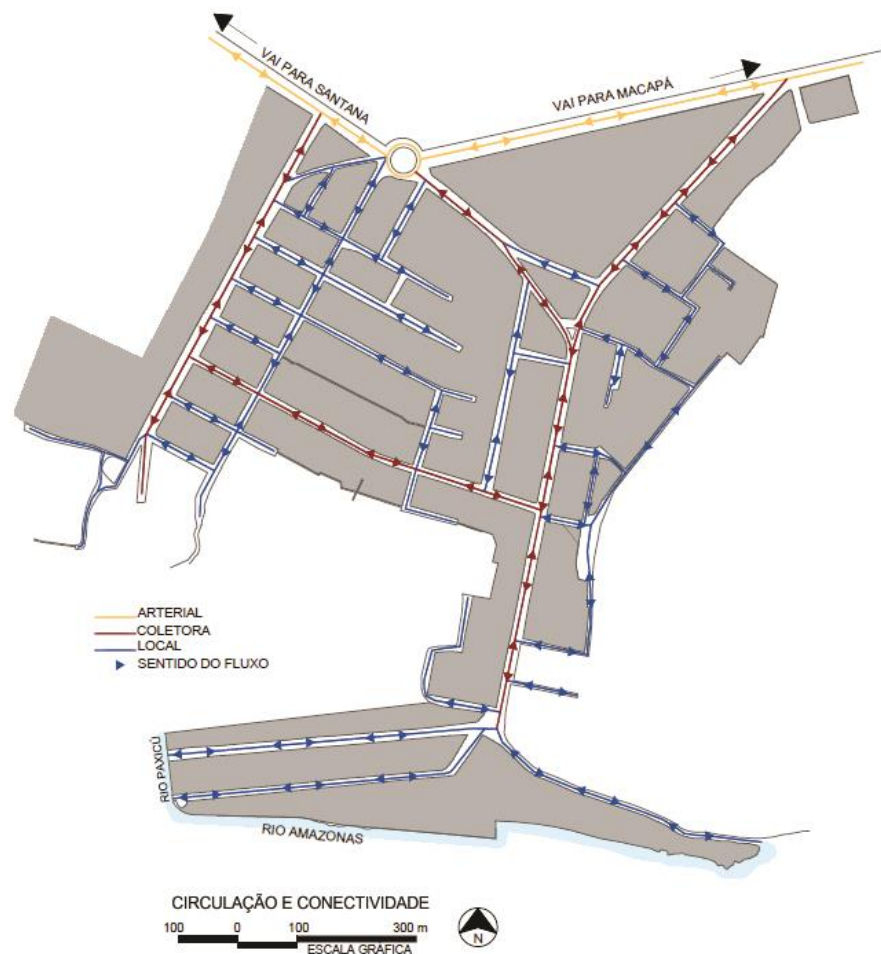
trabalho, os serviços, o lazer, as plantações e a circulação se desenvolvem pelo agir humano e sua interferência no meio.

2.4.3 Conectividade viária

A mobilidade urbana é um atributo associado à cidade que corresponde à facilidade de deslocamento de pessoas e bens na área urbana. Quando se menciona o termo mobilidade fazemos referência as formas diferenciadas com as quais pedestres, ciclistas, usuários de transporte coletivo e motoristas se locomovem.

Dessa maneira, a mobilidade se torna uma questão que transcende as condições de deslocamento e de uso de meios de transporte, chegando as relações dos indivíduos com o espaço, com os objetos e meios empregados para que o deslocamento aconteça, e com outros indivíduos, sendo, portanto, produto de processos históricos que refletem características culturais de uma sociedade (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2006).

Figura 14- Mapa de circulação e conectividade viária.



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

No mapa foram identificadas três categorias viárias que se diferenciam pela intensidade de fluxo e velocidade. São estas: vias arteriais, vias coletoras e vias locais. Em uma escala ascendente partimos das locais, que em quase sua totalidade são ruas que não seguem, terminam em áreas de várzea, mata ou em propriedades. Em sequência as vias coletoras, essas são dotadas de melhor infraestrutura e nelas concentram-se atividades econômicas (Ceta-Ecotel, mercados, farmácias, etc.) e superestruturas públicas (posto de polícia, bombeiros, escolas e estação de tratamento de água). Por último a via arterial, que representada pela Rodovia Juscelino Kubitschek é o principal elo de ligação entre Macapá e Santana, e mesmo sendo uma via externa ao bairro por nós é analisada pois participa da conectividade do bairro e é responsável por trazer os turistas nas épocas de veraneio das demais localidades.

Dentre das análises acerca da mobilidade é importante considerarmos a morfologia das quadras, que no estudo de caso, determinam problemas no que se refere ao fornecimento de encontros, fazendo com que não existam muitos pontos de convergência o que atrapalha o senso de localização dos indivíduos. De certa forma há uma conectividade desconecta, mais evidenciada nos períodos de férias onde há um aumento considerado do fluxo de pessoas.

Figura 15- Mapa da rota do transporte público de Fazendinha.



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

Nas rotas de transporte público os ônibus intermunicipais são responsáveis pelo transporte público coletivo oferecido a comunidade local. A rota perpassa pelas três principais vias do bairro: a rua do matadouro, a avenida Maria de Oliveira Santana e a Rua Operária, depois seguindo em direção as cidades de Macapá ou Santana. Algumas dificuldades são percebidas, dentre elas a demora e a qualidade das paradas que não recebem manutenção constante.

Se faz necessário dizer ainda que as ruas são de sentido duplo. Quase todas pavimentadas, exceto os ramais ou vias frentes de novas ocupações. Quando pavimentadas as ruas não proveem de uma infraestrutura completa, não há sistema de drenagem, meio fio e nem sarjetas.

O bairro, apesar da ampla utilização de bicicletas, não conta nem com ciclovias, nem com ciclo-faixas. As calçadas não seguem por todo o bairro e quando existentes apresentam-se com uma série de obstáculos prejudicando a acessibilidade. A arborização urbana é inadequada por apresentar algumas espécies frutíferas que tem raízes que afloram para a superfície.

Figura 16- Vias em Fazendinha.



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Observando o contexto geral conclui-se o que modelo de mobilidade existente no bairro é semelhante ao adotado nos grandes centros urbanos brasileiros que conforme o Ministério das Cidades (2006) favorece o uso do veículo particular, reforçando o espraiamento das cidades e a fragmentação do espaço devido à flexibilidade dos deslocamentos automobilísticos. Ou seja, assim como as cidades brasileiras Fazendinha tem sua malha de conectividade estruturada para acolher, receber e abrigar o veículo particular e assegurar-lhe a melhor condição possível de deslocamento nas áreas urbanas.

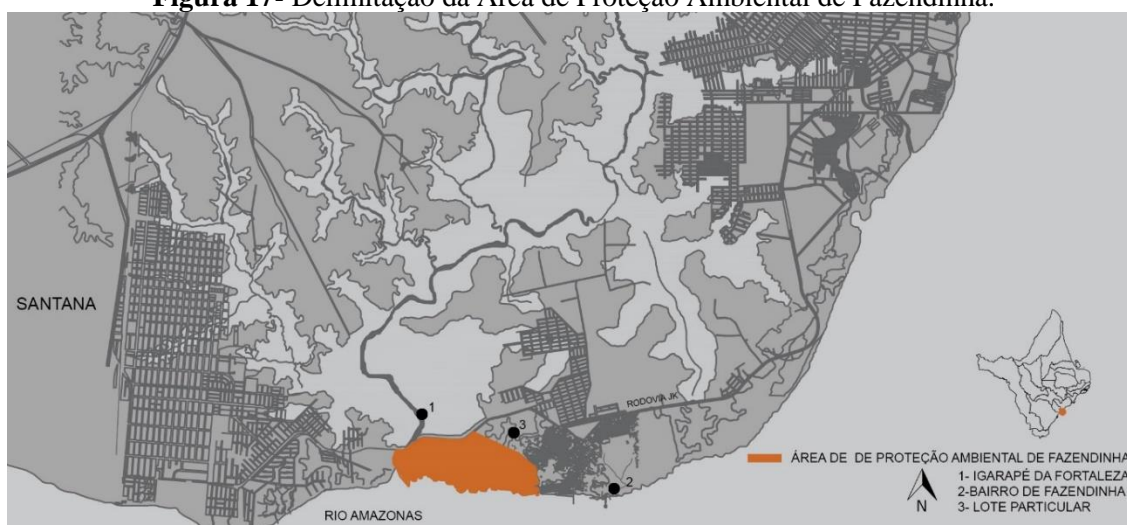
2.5 Área de proteção Ambiental de Fazendinha (APAFAZ)

O território amapaense é formado por um conjunto de ecossistemas diversos, que vão desde as formações pioneiras de mangue à floresta tropical densa, passando por campos inundáveis e cerrados. Essa diversidade fez com que o Estado se tornasse pioneiro nas práticas conservacionistas, tendo hoje uma área de cerca de 10 milhões de hectares, sendo constituídas por um conjunto de áreas protegidas que objetivam a conciliação e a preservação da natureza com o desenvolvimento social e econômico da região (DRUMMOND, DIAS e BRITO, 2008).

Nesse quadro, que perfaz um total de 61,95% e que inclui, dentre outras, as áreas de preservação permanente, as reservas legais, os territórios remanescentes de quilombos e as terras indígenas (MENEZES e MONTEIRO, 2013), se insere a Área de Proteção de Ambiental de Fazendinha.

A APAFAZ situa-se entre os Municípios de Macapá e Santana, ao lado do núcleo urbano do bairro. Gerida pelo Estado, foi estabelecida pelo decreto nº 0873, de 31 de dezembro de 2004, com o objetivo de conciliar a permanência da população local com a proteção ambiental através do uso racional dos recursos naturais e da busca de alternativas econômicas sustentáveis para a comunidade residente. O decreto instituiu a delimitação da área que se inicia no limite comum com o lote do Senhor Amiraldo Favacho (localizado a margem esquerda da rodovia Juscelino Kubitschek), indo até a margem direita do rio Paxicú, seguindo a margem esquerda do Rio Amazonas, e chegando a foz do Igarapé da Fortaleza que constitui a fronteira a direita, totalizando uma área de 136,5924 hectares e um perímetro de 6.658,63 metros.

Figura 17- Delimitação da Área de Proteção Ambiental de Fazendinha.



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

Para melhor análise desse espaço, que é parte importante e indissociável a pesquisa aqui abordada, se faz pertinente a apresentação do conceito de áreas de proteção ambiental, que segundo Drummond, Dias e Brito (2008, p. 21) têm como suporte legal a Lei Federal n.º 6.902, de 27 de abril de 1981, que, em seu artigo 8º, estabelece: “o poder executivo, quando houver relevante interesse público, poderá declarar determinadas áreas do território nacional como de interesse para a proteção ambiental, a fim de assegurar o bem-estar das populações humanas e conservar ou melhorar as condições ecológicas locais”. Baseando-se no Sistema Nacional de Unidades de Conservação, os autores também abordam estas áreas como geralmente extensas, na qual existe um certo grau de ocupação humana, cujo objetivo é proteger os atributos abióticos, bióticos, estéticos e culturais dentro de seus limites, de modo a assegurar a qualidade de vida e o bem-estar dos residentes, assim como proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (Id., 2008, p.21). Sendo públicas ou não, essas áreas devem possuir zoneamento e plano de gestão que observe as condições físicas, culturais e naturais, estabelecendo normas de uso, o que não existe na APAFAZ.

De acordo com Ferreira (2011, p. 102) a configuração contemporânea da área corresponde a um processo de médio prazo marcado por três movimentos distintos de ocupação, em que, a sua identidade jurídica de Área Especialmente Protegida coloca-se como um fator coadjuvante no contexto da apropriação do lugar.

Conforme a autora, o primeiro processo envolve o que, inicialmente foi chamado de Parque Florestal de Macapá criado pelo Decreto nº 030 em 1974, no antigo Território Federal. Nesta circunstância, sua área estava representada pelas imediações do Igarapé da Fortaleza, fazendo frente ao norte para Rodovia Salvador Diniz, aos fundos com o Rio Amazonas, a esquerda com Igarapé da Fortaleza e a direita com terras pertencentes ao Posto Agropecuário de Macapá.

O segundo processo, a partir de 1984, é caracterizado pela criação da Reserva Biológica da Fazendinha, que assinalava para a preservação e proteção integral e permanente do ecossistema e recursos naturais da área num processo que pode ser considerado como uma sobreposição de territórios (Id.,2011, p.103).

O terceiro, provém dos processos de antropização cada vez mais frequentes na área, resultado, principalmente, da ocupação por populações ribeirinhas oriundas de ilhas adjacentes. Como resposta, a Secretaria do Estado de Meio Ambiente (SEMA), junto a população e forças

políticas optou por transformar a reserva biológica da Fazendinha em uma Área de Proteção Ambiental, como alternativa de manejo para conciliar a permanência da população local com a proteção ambiental.

É importante salientar que os processos recém citados, esses que envolvem a apropriação e a delimitação do espaço, acabaram sendo absorvidos juridicamente e, mesmo assim, estão além das demarcações nas legislações. O que se está inferindo aqui é que o espaço legalmente delimitado é ao mesmo tempo diferente e sobreposto do espaço apropriado, que em áreas como essa geram inúmeros efeitos visto que, o homem como produtor do espaço altera a paisagem conforme suas necessidades de moradia, de trabalho e de locomoção como o que tem acontecido na APA. Nesse caso, as trocas de categorias de proteção (Parque Florestal – Reserva Biológica- Área de Proteção Ambiental) exemplificam o que estamos tratando, ou seja, o estabelecimento da população e da implementação de objetos que auxiliem a vida constitui-se numa série de apropriações que ao adaptar a paisagem foram alterando também as normativas referentes ao território.

Apontamos aqui a existência do que chamamos de sobreposição de interesses, que é comum ao tratarmos do espaço urbano contemporâneo. Ao mesmo tempo em que APA se apresenta como ativo natural, principalmente por estar inserida em uma área urbana e ser teoricamente tida como fundamental na garantia do direito a lazer, recreação e ações de educação ambiental, esta também é espaço de uma comunidade tradicional que desenvolve suas atividades e se apropria do lugar mesmo com as restrições legais e recorrentes problemas referentes a coexistência.

Nesse sentido a APA desenvolve as seguintes funções: ecológica, por ser um fragmento verde que minimiza impactos da urbanização além de abrigar inúmeras espécies vegetais e animais; lazer, por ter suas praias sendo atualmente utilizadas como pontos para recreação; estética por ser elemento identificável na estrutura urbana, que caracteriza a imagem da cidade; e social, por abrigar uma comunidade muito peculiar que se insere entre a tessitura urbana, mas que mantém o vernáculo.

2.5.1 Aspectos biológicos da APAFAZ

Este tópico será abordado de maneira concisa pelo fato da inexistência de levantamentos pormenorizados. Apontaremos as principais características e espécies encontradas na área, objetivando uma análise geral do quadro natural.

a) *Vegetação*: predominantemente encontra-se na APAFAZ a Floresta de Várzea e a Floresta alterada (aquela onde a vegetação perdeu características originais devido as interferências antrópicas). A várzea presente ao longo do rio e igarapés sofre a influência cotidiana das marés e cheia anuais do equinócio e dentre as espécies mais representativas destacam-se: açazeiro, pau-mulato, seringueira e andiroba (DRUMMOND, DIAS e BRITO, 2008, p. 96).

Na composição vegetal da área analisada existem ainda duas categorias pertinentes: o Campo Herbáceo Periodicamente Inundado, que são áreas planas desenvolvidas atrás das áreas de várzeas e manguezais que bordejam os lagos localizados dentro da planície costeira (Plano de Manejo: Parque Nacional do Cabo Orange, 2010, p. 66), e o Campo Arbustivo Periodicamente Inundado que diferencia-se dos campos herbáceos pela frequência de algumas tipologias arbóreas (SANTOS, TAVARES, *et al.*, 2014).

As espécies flutuantes e submersas encontradas, normalmente estão localizadas nos canais ou em suas margens, onde a profundidade é maior e nunca secam no período de verão. Enquanto as emergentes, aquelas que estão acima das demais e que normalmente são árvores dominantes, localizam-se em áreas mais altas, em solos alagáveis ou raramente secos, assim como as anfíbias que são representadas por espécies de transição do cerrado (Id., 2014, p. 26).

Figura 18- Configuração vegetal da APAFAZ.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

b) *A Fauna*: variando entre mamíferos, peixes, aves e répteis um número razoável de espécies foi levantado, o que demonstra as potencialidades bióticas da área. Baseando-se no estudo de Drummond, Dias e Brito (2008, p. 97) citam-se as seguintes espécies: cotia, guaxinim, mucura, preguiça e preguiça-real; anu-preto, bem-te-vi, sabiá, maracanã, saracura, socó-boi, cobra-verde, camaleão e calango; aracu, aracu-rajado, acará-bandeira, bacu, poraquê peixe-cachorro e tralhoto.

2.5.2 A paisagem híbrida da APAFAZ

Entendemos que ao se efetivar a ocupação na APA o espaço é redefinido. Essa redefinição é intermediada pelo sistema de ações e materializada pelos objetos postos na paisagem. Dessa maneira, analisar a paisagem da APA é perceber que esta é resultado de três fatos: o histórico da ocupação somado as políticas de proteção; as variáveis naturais; e a ação humana, que é responsável pelo estabelecimento de atividades e habitação.

Nesse sentido, faz-se necessário apresentar os processos sócio espaciais que se manifestam na APAFAZ. Estes estão diretamente atrelados ao crescimento populacional na área que segundo Ferreira (2011) passou de 22 famílias de posseiros em 1974 para estimados 1.300 residentes em 2009, distribuídos no Igarapé da Fortaleza, na borda do Rio Amazonas, na Rodovia Juscelino Kubitschek e às margens do Rio Paxicú.

A autora supracitada baseada em levantamentos realizados pela SEMA, infere: que em 1995 registrou-se 77 famílias residentes, onde 6 estavam alocadas as margens do Paxicú, totalizando cerca de 504 pessoas; que em 1997 houve o acréscimo de 55 famílias residentes na área; que em 1998 já totalizavam cerca de 162; que em 2003, contabilizou-se 230 famílias na área; e que em 2009, haviam estimadas 287 famílias residindo dentro da APA da Fazendinha. Grande parte desse incremento populacional advém dos moradores das ilhas paraenses próximas a cidade de Macapá.

Os dados obtidos apontam que de 1995 a 2009 a ocupação cresceu 287,72%, passando de 504 habitantes para cerca de 1.300. Ou seja, embora se tratasse de uma Reserva Biológica (REBIO), para a qual é vetada a inserção populacional, verificou-se o maior crescimento dessa população. Esse indicativo somado as pressões populares foi o principal responsável pela mudança de categoria de proteção da área, que passou de REBIO para APA.

Dentro do exposto mostramos que é a inserção populacional a força motriz para a coexistência entre o ambientalmente protegido e as necessidades de habitação concernentes aos seres humanos que alteram e se adaptam ao espaço trazendo novas informações e significados a paisagem.

É importante destacar que em áreas como essas os moradores apresentam intensas e profundas relações com o ambiente, resultado da construção do campo perceptivo, existencial e social das comunidades que deriva de sua herança cultural (JUNIOR, 2009). Percebe-se nas relações socioespaciais: a dependência e simbiose com a natureza, através dos ciclos naturais e

dos recursos naturais renováveis, a partir dos quais se constrói um modo de vida; o conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos, que se reflete na elaboração de estratégias de uso e manejo dos recursos naturais; a noção de território e de espaço, onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente; e a importância das atividades de subsistência (FRAXE, 2000, p. 181). Essas relações se desenvolvem principalmente pelo estabelecimento da moradia, que fixa a população na área permitindo o desenvolvimento do cotidiano.

Nesse sentido, a morada característica da APAFAZ se configura conforme Mendonça, Alves, *et al* (2015) em abrigos suspensos por esbeltos pilares de madeira, com cobertura usualmente de duas águas, de telhas de barro ou fibrocimento, que se entendem como beirais atuando como proteção as intempéries como chuva e insolação, além de aberturas para facilitar a circulação da ventilação.

Figura 19- Arquitetura vernacular em palafitas.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

Nessas habitações vernáculas erigidas em forma de palafitas a vedação é de madeira, disposta em escamas; a planta é retangular; a hierarquização dos ambientes é realizada de acordo com as funções e necessidades da dinâmica familiar, seguindo a lógica da divisão tradicional; e o programa de necessidade apresenta comumente sala de estar e jantar conjugadas, cozinha, quartos, varanda, e banheiro que dificilmente é encontrado junto ao bloco de moradia devido ao mau cheiro derivado das condições sanitárias.

Ainda são encontrados alguns elementos que se referem a segurança como portões e guarda-corpos, e elementos com apelo estético como treliças trançadas, lambrequins e cores vibrantes.

Figura 20- Elementos arquitetônicos: portão, guarda-corpo e varanda.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

No contexto as casas se mesclam ao natural e se interligam por uma passarela principal, uma espécie de rua. Dela derivam-se passarelas secundárias que levam a outros aglomerados, e a partir destas outras há o acesso as residências mostrando certa individualidade nesse espaço múltiplo. Essas passarelas se erguem sobre a várzea, margeando as águas do rio, o provedor de renda e trabalho para a maioria.

Nesse ponto do texto é necessário dizer que concomitantemente a manipulação da Andiroba, a pesca, a caça, a colheita do açaí, a extração do palmito, as praias de água doce e as trilhas conhecidas surgem necessidades comuns a vida urbana, como saneamento básico, água tratada, coleta de lixo, policiamento, oferta de emprego, geração de renda, educação e atividades de lazer.

Figura 21- Falta de estrutura nas instalações hidro-sanitários e problemas referentes a coleta de lixo.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

Na APAFAZ as habitações não contam com rede de esgoto e a implantação de fossas sépticas não é aconselhável, visto que tratamos de uma área de várzea ambientalmente protegida. A água tratada não chega a todas as residências e mesmo que haja coleta de lixo,

alguns problemas quanto aos resíduos produzidos persistem, já que nem todos os moradores tem a consciência de resguardar o espaço da APA. A segurança ou policiamento é inexistente e a falta de iluminação pública gera um maior sentimento de insegurança na população.

Por fim, mostramos a necessidade de enxergar a APAFAZ como um espaço que vai além das normativas de proteção ambiental. A apontamos como um espaço onde a moradia e a subsistência, ou ambos são indissociáveis do meio ambiente da floresta de várzea. A moradia com características ribeirinhas reproduzida por meio da inter-relação repertorial, que se configura como um sistema semiótico que culturalmente se apropria e se adapta, mistura-se na trama urbana criando uma certa dualidade que solicita respostas diferenciadas tanto dos entes públicos quanto da postura da própria população.

2.6 Uma aproximação ao espaço público e sua estrutura

Neste ponto do texto abordaremos as questões vinculadas a faixa de orla pública que nos é pertinente considerando as estruturas existentes, as relações simbólicas estabelecidas e a legislação, objetivando o estreitamento das análises para a proposição projetual que se segue neste trabalho.

O trecho de orla considerado é o que abrange os espaços públicos beira-rio, partindo da extrema direita do Complexo de Fazendinha e chegando as áreas de praia da APAFAZ próximas a comunidade do Paxicú.

Figura 22- Perímetro da orla.



Fonte: Prefeitura de Macapá, 2013. Adaptado pela autora.

O mapa acima mostra que o trecho é marcado pela fragmentação espacial, resultado das intervenções humanas na gestão do território. Essas intervenções somadas as condições naturais configuram o espaço de duas formas: o seco e o úmido. Nesse sentido, no lado seco tem-se

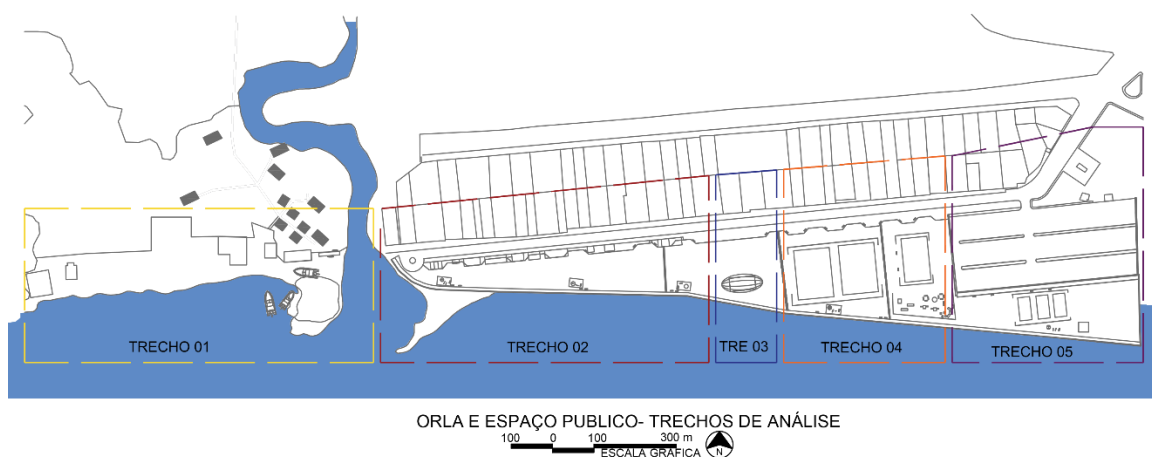
uma vida completamente urbana, efeito da ação humana e de políticas públicas que ao se apropriar transformaram a paisagem e artificializaram o espaço. E no úmido percebe-se um maior intento de coabitação entre homem e natureza, visto que o meio onde se mora também é o provedor do alimento e do trabalho. Essa diferenciação evidencia que a forma de como indivíduos compreendem o espaço e a paisagem são e estão expressas pela maneira como vivem.

É importante mencionar a falta de conectividade entre as áreas, que historicamente como já mencionado, decorre principalmente da construção do muro de arrimo e das delimitações da APAFAZ. Aponta-se a técnica, que materializada pela borda, delinea o Complexo de Fazendinha se configurando como elemento fragmentador da paisagem beira rio pois é o seu estabelecimento que cria as diferenciações do natural, natural com interferência parcial e do natural tecnificado. Nesse sentido, a borda é fronteira e descontinuidade.

Frente ao seco e ao úmido inclui-se outro ente formador da paisagem: o rio Amazonas. Os rios, segundo Gorski (2010) são elementos de valoração da paisagem, tanto na situação de deterioração como na fase de recuperação do ambiente que desempenha funções físicas, ecológicas e estéticas. Dessa forma, apresenta-se o potencial agregador do rio por ser a unidade espacial paisagística compartilhada pelas populações que está atrelado ao cotidiano e a memória, seja pelo trabalho, lazer ou contemplação.

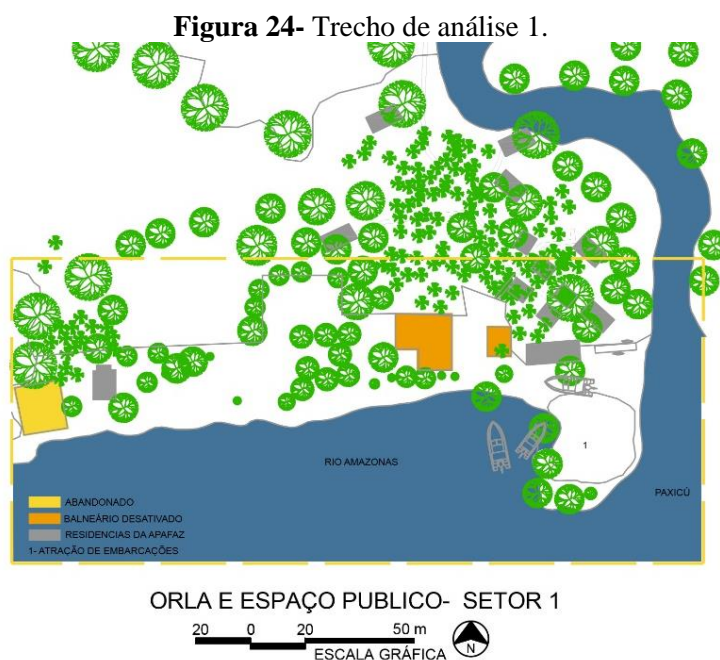
Para a análise da infraestrutura, a orla pública de Fazendinha foi dividida em cinco trechos dispostos assim por suas diferentes atividades. Essa divisão adota é apenas um critério metodológico para que haja um diagnóstico mais minucioso do espaço beira rio, não quer se dizer que as atividades aconteçam isoladamente umas das outras.

Figura 23- Orla de Fazendinha e os trechos de análise.



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

Assim sendo, o trecho 1 é faixa que borda do Rio Amazonas e que se abre até extremidade da praia da APAFAZ. Dentre os elementos observados estão: a atracagem de barcos de pequeno e médio porte, algumas habitações e estruturas abandonadas que correspondem ao balneário desativado. Esses pontos citados se mesclam a mata densa de várzea e distribuem-se sobre as áreas de praia da APA.



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

Para falar desse setor é necessário fazermos um recorte histórico. Essa faixa que estamos tratando, anteriormente, segundo informações de moradores, estava sob posse do senhor Adroaldo Vivian Estúrio, que em 1994 inaugurou o balneário, tendo suas atividades encerradas em 1998 por problemas de ordem familiar.

Na época a estrutura de lazer contava com bares, escritório, banheiros e restaurantes tendo sua ligação ao bairro de Fazendinha efetivada por meio de uma ponte móvel sobre o rio Paxicú, feita dessa forma para não servisse de entrave aos fluxos de barcos decorrentes das madeiras e das atividades de pesca realizadas na localidade. Com o funcionamento nos fins de semana a própria população trabalhava nas instalações. Atualmente, essas praias ainda são utilizadas por alguns banhistas nos fins de semana, porém não dotam de nenhum tipo de infraestrutura que dê apoio as atividades.

Figura 25- Atracação de pequenas embarcações; praias da APAFAZ; e instalações do balneário desativado.



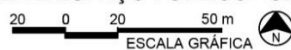
Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

Continuando as análises passamos para o trecho 2 que se inicia na margem direita do Paxicú e se estende cerca de 277 metros lineares a direita se aproximando da concha acústica. É neste setor onde concentram-se a maioria dos restaurantes que dão apoio ao Complexo de Fazendinha e por isso existe uma movimentação econômica considerável, já que as atividades são desenvolvidas pelos moradores. Mesmo no circuito informal a gastronomia é geradora renda na localidade.

Figura 26- Trecho de análise 2.



ORLA E ESPAÇO PÚBLICO- SETOR 2



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

É necessário mencionar ainda que os restaurantes tiveram seus pontos de apoio revitalizados recentemente devido ao Macapá Verão, que é o evento que marca o período das férias através do oferecimento de atividades culturais em lugares onde a balneabilidade é permitida na cidade direcionando grandes públicos para o local. Esses pontos de apoio, atualmente se dividem em seis barracas que trouxeram uma melhora significativa para os donos dos restaurantes. É importante frisar que a estrutura implantada para esses pontos não parece ser durável, justamente pelo material aplicado. Esse fato nos remete a intenção de sazonalidade estabelecida pelo poder público ao tratar o Complexo como área de lazer para os períodos de veraneio.

Esse é o trecho que mais atrai visitantes externos devido o funcionamento dos restaurantes que oferecem, principalmente, comidas típicas e atendem no período da manhã aqueles visitantes que tem o interesse de ver e usufruir o rio e a noite aqueles interessados em aproveitar boemia da orla de Fazendinha.

Nesse perímetro concentram-se ainda alguns quiosques, áreas de chuveiro e academias que dão apoio aos banhistas e usuários. Nas visitas observou-se a precariedade dos aparelhos da academia comunitária e problemas nos chuveiros, tendo alguns, inclusive, fora de funcionamento.

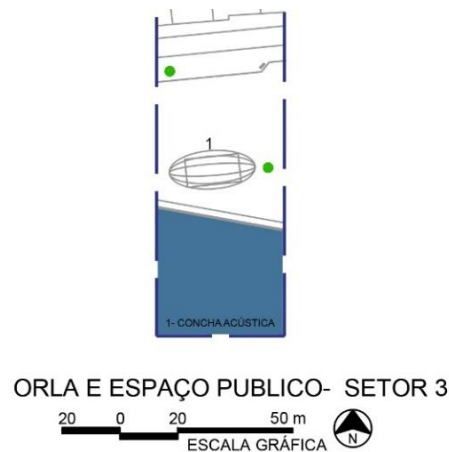
Figura 27- Restaurantes; pontos de apoio; quiosques para banhistas; e área de chuveiro.



Fonte: Acervo do autor, 2015.

Seguindo-se as análises passamos para o trecho 3, que é o menor dos que foram identificados na pesquisa. Correspondendo ao setor dos grandes eventos, este abriga a concha acústica onde são oferecidos shows na época de veraneio.

Figura 28- Trecho de análise 3.



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

A concha em forma de paraquedas aberto com braços formados por uma estrutura metálica se abre para um campo livre e sem sombreamento. Mesmo sem um estudo aprofundado percebeu-se problemas acústicos na estrutura devido sua forma e seu posicionamento, que faz com que o palco sofra insolação durante praticamente o dia inteiro e que os ventos levem as ondas sonoras prejudicando a qualidade do som nos eventos. É importante salientar que a concha acústica não se vincula as áreas dos restaurantes, ou seja há uma desconexão no programa urbano encontrado.

A concha dispõe ainda de algumas salas que se localizam abaixo do palco, estas que anteriormente davam apoio aos artistas em dias de show, hoje funcionam como ponto de policiamento devido a solicitação dos moradores.

Figura 29- Concha acústica.



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Já o trecho 4 é caracterizado pelas atividades esportivas e recreativas. Estão nele duas quadras de areia para futebol, uma quadra poliesportiva e o playground. São esses os equipamentos mais utilizados pelos moradores. A iluminação noturna, feita através de dez refletores permite a utilização desse setor, inclusive a noite.



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

É necessário dizer que nas pesquisas de campo elaboradas esse é o setor, sob o ponto de vista dos usuários do bairro, que mais carece de melhorias. Questões como falta de qualidade do playground que apresenta danos em alguns brinquedos e implantação de academia ao ar livre foram levantadas.

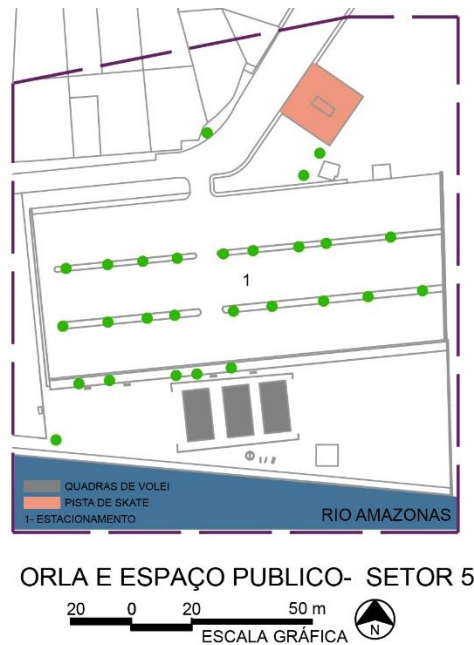
Figura 31- Quadra de areia e playground.



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Continuando as análises, inclui-se ainda o trecho 5, composto pelo estacionamento, pela pista de skate e por antigas quadras de vôlei que atualmente estão desativadas.

Figura 32- Trecho de análise 5



Fonte: Elaborado pela autora. Base cartográfica: Prefeitura de Macapá, 2013.

O estacionamento, tem um número estimado de 170 vagas, porém se localiza longe das estruturas dos restaurantes o que faz com que os motoristas optem por estacionar ao longo do acostamento, o que em períodos de alto fluxo gera problemas na circulação de veículos e pessoas. Esse distanciamento fez com que os donos de restaurantes utilizassem terrenos vazios mais próximos para tal função. A pista de skate não funciona corretamente devido os ângulos de inclinação utilizados, tamanho do calçamento e material empregado. As quadras de vôlei não têm redes e não contam com iluminação noturna.

Figura 33- Área de estacionamento e pista de skate.



Fonte: Acervo da autora, 2015.

Frisamos que o programa urbano avaliado não difere muito dos demais encontrados nos espaços públicos semelhantes a esse, e assim como os demais neste projeto também persistem alguns problemas comuns referentes ao tipo de arborização, a má conservação da estrutura, mobiliário inadequado, problemas de acessibilidade, carência de aparelhos e falta de diálogo entre o que foi implantado e o existente.

Nesse sentido a arborização encontrada no complexo é composta principalmente por espécies como fícus, coqueiros, cajueiro e sete-copas, estas não são adequadas para o espaço público, por conta de suas raízes e questões referentes a manutenção. As calçadas, locais procurados para caminhadas não estão em circuito e apresentam algumas juntas de dilatação com cerca de 10 centímetros, o que dificulta a acessibilidade do local, além de apresentarem buracos e deformidades, principalmente, aquelas localizadas próximas ao rio devido ao efeito das marés o que gera riscos aos pedestres.

Além disso, não existe ponto para atracação de embarcações, nem bicicletários, nem banheiros públicos. Observa-se também: a inadequação dos bancos que por serem de concreto e não sombreados são utilizados apenas em dias de pouco sol ou durante a noite; a ineficiência na cobertura dos quiosques que não gera sombreamento; e lixeiras improvidas em manilhas.

Por fim, destaca-se que a recente reforma acarretou em algumas mudanças positivas para a conjuntura do espaço público, porém não para sua estrutura propriamente dita. Foram instituídas estruturas temporárias, pinturas foram realizadas, quiosques foram concertados e a área que estava tomada pelo mato foi limpa. É importante mencionar que as estruturas mais modificadas foram as próximas aos restaurantes, no setor mais utilizado pelos visitantes externos.

Essas questões trazem o indicativo de que não aconteceu uma revitalização e sim uma recauchutada do espaço público, o que mostra que Fazendinha é percebida pelos órgãos governamentais apenas no Macapá Verão.

Dessa forma, tem-se essa faixa da orla do bairro instituída como área de lazer e turismo para três meses. O espaço público do Complexo que deveria servir primeiro a população residente do bairro e da APA, por ser pensado para os visitantes externos, não atende as necessidades e anseios da população, visto que esses interagem pouco com o espaço, ou seja essa faixa de orla abordada por conta do desenvolvimento de algumas políticas se tornou um espaço em Fazendinha e não um espaço de Fazendinha.

2.7 A paisagem vivida na orla beira rio de Fazendinha

Ao aplicar este tipo de análise na paisagem e conseqüentemente nas imagens da paisagem da orla de Fazendinha buscamos a ação da conduta humana cotidiana no meio, objetivando pontuar os vínculos estabelecidos pelas pessoas no espaço traduzidas nas diferentes formas de experienciar e de apreender a amplitude dos dimensionamentos espaciais, temporais, ecológicos, sociais, simbólicos, subjetivos, individuais e coletivos. A paisagem será tida como experiência diária investida de afetividade e de significações valorativas.

Reconhecer alguma coisa em uma imagem é identificar. Portanto, ao compreendermos as formas, os motivos e as imagens analisaremos como o espaço em suas tramas desenvolvidas e articuladas formam a paisagem híbrida da Fazendinha, que implicam na transformação da natureza pela cultura em dessemelhantes escalas. Desta forma, as análises seguirão apontando as relações no seco e no úmido, ora como divergentes e ora como unidas. A paisagem será tratada como única paisagem por ser uma unidade, um bloco, e também como paisagens por suas intrínsecas heterogeneidades.

Começamos o reconhecimento da paisagem na APAFAZ, que por estar menos artificializada, revela as experiências ambientais expressas de maneira mais singular, especial, sendo então, compreendidas e compartilhadas, adquirindo também os seus próprios referenciais simbólicos que estão inscritos no contexto paisagístico através de situações concretas ou abstratas, mas cunhados no decurso de todos os dias da vida, pois a experiência e a percepção concernentes ao meio ambiente são essenciais para a sobrevivência. O vivido se circunscreve na mata e no rio, que além de ambientes de moradia são fornecedores de qualidade de vida, pois auxiliam na obtenção de renda, por ser ponto de embarque, e no alimento por prover de pesca, de camarão, de açaí e da caça. As pessoas vivem privilegiadas com a natureza, como disse seu Benedito¹.

Morar na APA significa simplicidade e experienciar todos os dias do contato com a natureza e com o rio. É ver a natureza como provedora, como vida e como parte da vida. O desenvolvimento destes sentimentos transcende as fronteiras da materialidade, da dimensão relativa ao substrato das atividades humanas, seja qual for a sociedade considerada, onde os elementos paisagísticos associados a um dimensionamento simbólico, determinam uma territorialidade original e um sentido profundo de mobilidade, traçando um caminho que

¹ Morador da área entrevistado durante a pesquisa de campo.

permite o acesso às diferentes faces da realidade ambiental, aos níveis de percebê-la e experienciá-la (Id.,2002, p.35).

Figura 34- A vida circunscrita na mata.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

No úmido, pessoas e paisagem encontram-se em uma fusão afetiva permanente, onde topofilia implica no reconhecimento de espaços e lugares muito além da realidade terrestre: de uma paisagem interna erigida a partir da concretude dos vínculos com o externo, pois são diversos os símbolos, as imagens, os sentimentos e expressões verificados.

Essa fusão permanente também revela que mesmo na coletividade da passarela principal, existem traços das impressões individuais na paisagem, ao observarmos o emblemático portão, que não necessariamente impossibilita a entrada do desconhecido, mas retrata a apropriação do espaço que funde as pessoas a paisagem, quando um, ao atribuir identidade ao outro acaba sendo identificado. As casas constituem-se como os instrumentos culturais que enfrentam o meio e organizam a existência coletiva. São o abrigo e a proteção, que por serem morfológicamente em palafitas tornam os moradores em ribeirinho urbanos.

Figura 35- As casas como abrigo e símbolo de pertencimento.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

A brincadeira se organiza no rio, por cima dos barcos, na praia e no contato com os animais. A natureza é o playground, e segundo Dona Lúcia², é bom demais para as crianças. Essa naturalidade das crianças ao brincar mostra a afinidade, a afeição que possuem com a paisagem. Neste caso, as representações de mundo são então construídas na produção de objetos culturais que, reunidos no tempo e no espaço, transformam a paisagem através da apropriação e da toponímia. As pessoas se sentem parte de onde moram, pois, a vida é onde estão.

Figura 36- Ligação com a natureza através do cotidiano.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

A paisagem de Fazendinha não é feita apenas de uniformidade, contém dualidades, resultado dos usos concernentes ao seco, ao úmido e as diferentes vivências presentes nos espaços, como já mencionado. Esse todo que estamos tratando apresenta diferenciações internas conferindo distinções a paisagem, que mesmo tendo uma ligação, uma unidade, não apresentam homogeneidade. Dessa forma mostrar as distinções não significa isolar, mas sim buscar onde estas se imbricam, denotando que o híbrido se apropria, se transforma, mas não nega que o transformou.

Em contraponto ao úmido, no seco, observamos um espaço mais artificializado fruto inclusive de importações arquitetônicas. Faz-se referência, mais uma vez à implantação do muro de arrimo que alterou aquilo que se conhecia, transformando os usos e modificando os significados, não os diminuindo. Quando o espaço, a paisagem e a imagem da paisagem decompõe-se, compondo algo novo os olhares se ligam à memória e ao Rio Amazonas, símbolo de beleza e de imensidão. O que antes era legitimamente um balneário, hoje tem função de praça. A colocação do muro, no consciente coletivo é a fronteira que protege da água a casa, o

² Moradora da área há mais de dez anos entrevistada durante a pesquisa de campo.

comércio e vida. Este constitui-se como principal contraste entre as realidades encontradas em cada uma das margens do rio, gerando uma sensação de oposição, ou tensão entre estes dois contextos.

A paisagem em questão resulta desta mediação entre o homem e o natural, compreendendo uma interface entre natureza e sociedade. Isso por vezes acontece por meio de rupturas bruscas entre o indivíduo e o meio, que inclusive podem descaracterizar o último, mas que não deixam de ser uma adaptação imbuída de significados, ou seja, a paisagem é produto de inter-relações e conflitos que reproduzem constantemente novas contradições. A paisagem, por meio das apropriações efetivas dos lugares, vai incorporando as inovações técnicas, a modernização e os projetos dominantes de intervenções estratégicas, e a sociedade, por meio de sua identidade, resiste, libera ou se acomoda, moldando a paisagem segundo as diferentes formas de apropriação (ORTIGOSA, p. 56).

Com as novas técnicas, próteses foram incorporadas à paisagem, aplicamos a palavra pois esta significa a substituição de uma parte do corpo por uma peça artificial, que reconfigurou o espaço. O que antes era praia, atualmente mesmo possuindo quiosques deixou de o ser à medida que a interferência foi consolidando os novos usos e as remodelagens na paisagem.

Figura 37- Próteses implantadas e desconfiguração da paisagem.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

As imagens acima mostram a relação da cidade e a presença dos barcos de pesca o que nos gera uma sensação de oposição entre duas realidades que parecem não coexistir. O Rio Amazonas identificado como ponto comum na apreciação da paisagem teve sua influência delimitada pelos muros: as fronteiras que estabelecem o seco e diferem o espaço do Complexo de Fazendinha do úmido.

Outra inferência importante é a referida nas imagens abaixo, onde as embarcações mais distantes e de maior porte também se afastam da realidade local pois correspondem à utilização

do rio como via de acesso global para troca e transporte de material. Já as menores mais próximas a margem da ilha apontam para uma vivência associada a uma relação direta de trabalho e subsistência entre a cidade e as águas, algo mais restrito às comunidades pesqueiras.

Figura 38- Realidades diversas no rio.



Fonte: Oficina de Architectura, 2015.

Por fim, todos os fatores implícitos nestes processos citados, ao gerarem interações diferenciadas, envolvem muitos aspectos referentes às formas de experienciar e apreender a amplitude dos dimensionamentos espaciais e temporais. Para entendermos a paisagem vivida, é necessário que estejamos realmente imersos numa relação corpo/espírito/paisagem com os espaços que se prolongam em sua própria existência às dimensões do imaginário, do mítico, do simbólico, por serem delineados e coloridos pelos sentimentos (GUIMARÃES, 2002, p. 125).

É complexo tratar de questões com as quais estamos lidando, justamente pelo fato dessa realidade não nos pertencer diretamente, ela pertence a outros e nos pertence indiretamente pois é um espaço da cidade. O que estamos apontando é que a paisagem vivida preserva e transmite ao longo de cada história de vida pessoal ou transpessoal os valores e percepções de uma cultura, cristalizando em si o tempo vivenciado, mediando relações de convivência entre processos que resgatam as experiências do passado visando a compreensão do presente, bem como armazenando referências para o devir, numa convergência das realidades ambientais experienciadas (Id. 2002, p.125-126).

Mesmo nas intrínsecas diferenciações a experiência ambiental, segundo a mesma autora nos induz à reflexão da existência destes espaços humanizados impregnados de símbolos, pois as paisagens circunscritas aos mesmos, envolvem vidas e recordações, estes são renovados a cada experienciar, redefinidos sob planos de representações variadas, resultantes do próprio espírito humano: inquiridor, descobridor, criativo e imaginante.

2.8 Legislação pertinente

As faixas de orlas urbanas são pontos de convergência de interesses por isso foram elaboradas uma série de legislações e planos para desenvolvimento desses espaços. Nesse contexto, elencamos as normativas que são mais pertinentes a pesquisa e ao desenvolvimento da proposta urbana, dentre elas: o Plano Diretor de Macapá, o Plano Nacional de Turismo, o Projeto Orla e o Plano Nacional de Gestão das Zonas Costeiras. A intenção nesse ponto do texto é colher os indicativos que subsidiem a viabilidade legal da proposta e escolhas concernentes a proposição projetual.

Assim sendo, o Plano diretor insere a área no setor residencial 2 e prevê as seguintes diretrizes: incentivo à baixa e média densidade; ocupação horizontal e verticalização baixa condicionada à implantação de infraestrutura; uso predominantemente residencial; incentivo à implantação de atividades comerciais e de serviços de apoio à moradia com restrições às atividades que causem impactos ambientais. A legislação ainda inclui o trecho na Subzona de Fragilidade Ambiental que prioriza: a valorização das áreas de interesse turístico na orla do rio Amazonas, com a preservação das suas características; a implantação de atracadouro turístico junto ao balneário da Fazendinha, atentando para a segurança dos seus usuários; e a otimização da utilização dos equipamentos implantados. A diretriz se refere também ao Complexo de Fazendinha em seu potencial turístico e por falta de atualizações ainda trata a APAFAZ como em sua categoria de conservação anterior (Reserva Biológica).

Em seguida ao plano diretor passamos ao Plano Nacional de Turismo que fornece indicativos sobre como atuar em espaços turísticos como Fazendinha. Dentre estes indicativos citamos: a promoção do planejamento, da organização e da gestão territorial e institucional das regiões turísticas por meio do apoio à sensibilização e mobilização das comunidades; a organização dos investimentos públicos para o desenvolvimento da atividade turística; o apoio aos investimentos de infraestrutura turística para permitir a expansão da atividade e a melhoria da qualidade do produto para o turista nas diversas regiões do país; o ordenamento e a consolidação dos segmentos turísticos nas regiões turísticas brasileiras, de modo a dar identidade a produtos turísticos, minimizar os efeitos da sazonalidade, e aumentar e diversificar a oferta turística; a promoção de condições para visitação aos atrativos turísticos com segurança e autonomia por pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, de modo a universalizar a experiência turística; e a fomentação, a regulação e qualificação dos serviços turísticos assim como dos profissionais que atuam nesse segmento

Cita-se ainda o Projeto de Gestão Integrada da Orla Marítima ou Projeto Orla que busca a implementação de uma política nacional que harmonize e articule as práticas patrimoniais e ambientais, com o planejamento de uso e ocupação desses espaços (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2004). Dessa maneira a cartilha caracteriza a orla como a faixa de contato da terra firme com um corpo de água. Segundo o documento a faixa marítima de Fazendinha pode ser definida como orla horizontal parcialmente ocupada por casas e edifícios de no máximo três pavimentos, e as praias da APAFAZ como faixa da beira-mar pouco ocupada, com habitações rústicas, população pequena e semi-isolada, atividades de subsistência predominantes, gêneros de vida tradicionais, presença de vegetação original, baixo antropismo da paisagem, contaminação baixa ou inexistente (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2004, p. 11).

Inclui-se, o plano de gestão Nacional de Gestão das Zonas Costeiras que demarca as faixas de orla como espaços de uso comum que pertencem a todos os brasileiros, e por isso não podem ter seu uso restringido exceto quando o interesse público exigir. Conforme (AZRABE, 2011) a orla marítima brasileira se classifica em três diferentes classes: a classe A com atividades compatíveis com a preservação e conservação das características e funções naturais; possui correlação com os tipos que apresentam baixíssima ocupação, com paisagens com alto grau de conservação e baixo potencial de poluição; a classe B que seriam os trechos da orla marítima com atividades compatíveis com a conservação da qualidade ambiental ou baixo potencial de impacto, possui correlação com os tipos que apresentam baixo a médio adensamento de construções e população residente, com indícios de ocupação recente, paisagens parcialmente modificadas pela atividade humana e médio potencial de poluição; e a classe C Trecho da orla marítima com atividades pouco exigentes quanto aos padrões de qualidade ou compatíveis com um maior potencial impactante, possui correlação com os tipos que apresentam médio a alto adensamento de construções e população residente, com paisagens modificadas pela atividade humana, multiplicidade de usos e alto potencial de poluição sanitária, estética e visual. O que se verifica na orla marítima de Fazendinha se encaixa nas definições das classes A e B.

Para finalizar essa abordagem legal que não necessariamente é uma revisão bibliográfica aprofundada, faz-se referência a Área de Proteção Ambiental que não tem Plano de Manejo elaborado, mas que pelas legislações nacionais deve oportunizar o uso sustentável e racional de seus recursos de maneira a resguardar as características paisagísticas e a biodiversidade existente.

2.9 Do diagnóstico para o projeto

Dentro das análises expostas entendemos a necessidade de algumas aproximações, por isso neste ponto do texto incluiremos considerações pertinentes, uma espécie de síntese dos dados obtidos que servirão como princípios norteadores para a proposição projetual que se segue na pesquisa.

O diagnóstico mostra que a área de análise é composta por um heterogêneo fracionado reflexo de um planejamento urbano pontual focalizador, ou seja, em Fazendinha notou-se que os projetos são desenvolvidos sem interligação e por isso, mesmo quando suas atividades são complementares estas não estão em um sistema simbiótico de agregação entre as infraestruturas. O que quer se dizer aqui é que as atividades de lazer (Complexo de Fazendinha), a área residencial, a rede hoteleira e as áreas naturais (APAFAZ) apesar de serem complementares e relativamente próximas não estão em circuito e não possuem ligações estruturantes.

Essa dificuldade de articulação somada as questões referentes a composição do espaço público fazem com que: os moradores não tenham frequência na utilização do Complexo, que hoje já perdeu suas características de balneário tendo seu uso efetivado entre os usuários do bairro como uma espécie de praça; os turistas estrangeiros não tenham interesse pela área; e os visitantes externos (moradores dos núcleos urbanos próximos) utilizem o espaço público apenas em períodos de veraneio.

Nesse sentido, simultaneamente em que assinalamos a dificuldade da interligação e a subutilização do espaço público de Fazendinha pelos habitantes do bairro e das cidades circunvizinhas apontamos a necessidade de interligação entre os fragmentos da orla. Para isso levantamos a possibilidade de uma espécie de circuito de lazer que vincule as comunidades do seco e do úmido através de um espaço público beira rio vegetado com um plano de necessidades complementar, de maneira que este incorpore as atividades esporádicas e as atividades diárias.

Teríamos então, um rearranjo espacial baseado nas leituras da paisagem através do estabelecimento de uma faixa vegetada com atividades complementares que tenha o rio como elemento agregador. Dessa forma, apontamos para um diálogo na paisagem efetivado por meio ligação dos espaços públicos de orla (APAFAZ e Complexo de Fazendinha), tendo o ente comum (rio) como conector, visto que este faz parte do imaginário das populações da cidade, do trabalho, da economia, da vida e do transporte, podendo também atuar como meio para

locomoção intermodal o que facilitaria na vinculação de Fazendinha as cidades de Macapá e Santana.

Portanto, entendemos que para esse rearranjo se faz necessária uma revitalização efetiva que amplie em circuito as atividades de lazer, educação ambiental, economia e turismo. Para isso as seguintes questões devem ser consideradas: responder as necessidades da população do urbano consolidado e da APAFAZ, no sentido de propor alternativas que melhorem a vida e dinamizem ainda mais as atividades que envolvam o trabalho e a vida; reincorporar as águas no seco através da criação de acessos; melhorar o programa urbano do Complexo de Fazendinha assim como das estruturas presentes objetivando resolver questões referentes a falta de arborização, a desconexão entre a área de shows e os restaurantes, inadequação da pista de skate, distância do estacionamento, falta de pontos para contemplação, entre outros; e criar alternativas diferenciadas para o seco e para o úmido, por conta de suas características morfológicas e naturais, o que não nos indica uma padronização, mas uma unidade nas alternativas.

3 O PROJETO DE INTERVENÇÃO PARA A ORLA DE FAZENDINHA

Este capítulo contém as informações referentes a proposição projetual. Neste ponto da pesquisa busca-se uma intervenção na realidade local. Esta intervenção é materializada pelo projeto urbano, que nesse contexto torna-se o caminho que evidencia o ajuste entre a forma e o contexto.

Nesse sentido as ideias expostas aqui são resultado direto do ato criativo, combinado com as informações contidas na leitura da paisagem, nos mapeamentos do capítulo de diagnóstico e nas ideias desenvolvidas, que conforme as necessidades apreendidas passam por adequações pertinentes. Serão apresentados os elementos formadores e norteadores da proposta e a hipótese de macrodefinição da forma.

3.1 Tema, premissas projetuais e usuários

O objeto de intervenção em discussão trata-se de um espaço urbano, verde e público por estar compreendido no perímetro da faixa de orla do Distrito de Fazendinha que abarca o complexo existente e as praias da APAFAZ que margeiam os rios Paxicú e o Amazonas. Portanto, ao entender a intervenção sob essa ótica de análise aplicamos a categorização de parque suburbano que é aquele que possui uma área considerada, marcada pela presença de vegetação natural e zonas de mata virgem. Estes, normalmente estão situados nas proximidades da cidade, são servidos de transporte público e possuem uma frequência de visitação semanal ou eventual, onde a afluência se acentua significativamente nos fins de semana (MASCAR , MASCAR  e FREITAS, 2008, p. 27,28).

Assim sendo, os parques suburbanos adentram o sistema de espaços públicos comuns e por isso devem: identificar e beneficiar a cidade; ajudar o meio ambiente; e dar suporte para a realiza o de atividades culturais, sociais e recreativas. Nesses espaços questões como identifica o, economia, meio ambiente, sociedade e cultura devem permear os elementos que compõem a proposta.

O tipo de equipamento urbano sugerido nesta pesquisa se desenvolve com as seguintes premissas: reintegra o dos cursos d'água a paisagem urbana no sentido da promo o do lazer e da manuten o da memória; planejamento da paisagem de forma integradora pensando a natureza dentro do urbano consolidado valorizando as características locais, o que implica em promover a identidade da cidade; fornecimento de qualidade ao espaço tornando-o atraente para a visita o e sintonizando com as dimensões paisagísticas e ambientais existentes; e incentivo

à preservação de áreas verdes por meio de atividades que promovam a educação ambiental e a conscientização do papel ecológico do rio e da APAFAZ.

Por ser um equipamento urbano distinto dos demais concernentes aos espaços públicos encontrados na cidade, é importante mencionar ainda as características diferenciadas entre os usuários. Estes se dividem em três grupos: moradores, que são os usuários afetados diretamente pela intervenção e por isso constituem-se como o elo mantenedor mais importante do espaço público pois são estes que tem a possibilidade de vivenciar o espaço diariamente; os visitantes externos, público eventual que procura a localidade nos fins de semana e nos períodos do Macapá verão; e os visitantes estrangeiros que são grupos de turistas que frequentemente aportam na capital.

3.2 Programa urbano

Este traduz sobre a forma de um elenco de elementos os espaços onde se desenvolverão as funções e atividades previstas, levando em conta as características dos usuários (NEVES, 1989). Esses elementos mencionados pelo autor são os equipamentos que compõem a proposta, que no caso em questão foram elencados baseados na metodologia norte-americana de promoção dos espaços públicos que propõe dois tipos de programas que se distinguem por sua frequência de utilização. Nesse sentido, tem-se o programa principal (*primary program*) e o programa de eventos (*event program*). Optou-se por essa metodologia devido aos inúmeros usos esporádicos que não podem ser desvinculados da proposta.

Assim sendo, o programa principal tem o objetivo de atender diretamente aos moradores, tentando reconstruir uma identidade perdida, e o programa de eventos visa atrair a atenção dos visitantes esporádicos possibilitando inclusive a disponibilidade de eventos esportivos, educativos, científicos e culturais. Abaixo na tabela estão os elementos do programa e seus respectivos dimensionamentos.

Figura 39- Programa de necessidades, setores e dimensionamento.

SETOR	OBJETO	METRAGEM (m ²)	QUANTIDADE
Educação Ambiental e banho	Balneário	-	1
	Apoio aos banhistas	502,26	1
	Deck	179	
Gastronômico	Apoio aos restaurantes	580	1
Serviços	Bateria de banheiros	53,38	1

	Estacionamento (motos, carros, bicicletário)	6.775,34	1
Trabalho	Pier de atracação	469,52	1
Esportes / diversão	Pista de Skate	1.018,51	1
	Quadra de futebol de Areia	919	1
	Quadra poliesportiva	525,69	1
	Quadra de vôlei de areia	239,27	2
	Academia	225	1
	Playground		
Contemplação e descanso	Mirante	228	2
	Decks de contemplação	179	3
Administrativo/cultural	Bloco administrativo e Museu conjugados	180,03	1
	Anfiteatro	671	1
Conexão	Ponte	146,32	1

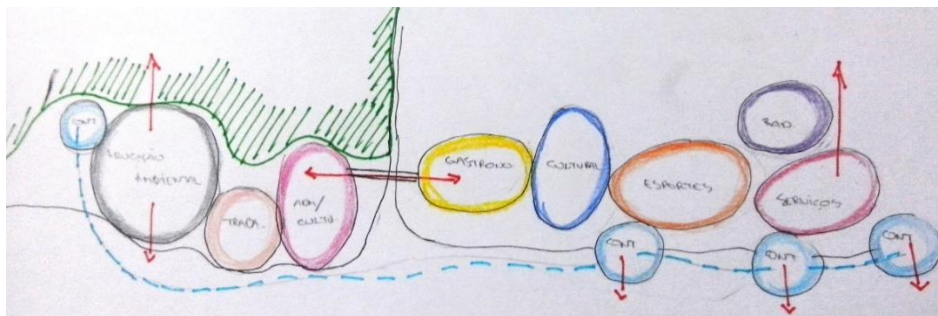
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

3.3 Conceitos e partido

Antes de abordarmos os conceitos e partido adotado se faz necessária a menção daquilo que nos leva a tal interpretação projetual. Partindo das análises expostas no diagnóstico definiu-se um macrozoneamento que tem o objetivo de definir as zonas de atividades em relação ao espaço.

Assim sendo elaborou-se um mapa de zoneamento para a nova conformação da faixa de orla, levando em consideração as questões sugeridas pelos moradores, os equipamentos em uso e desuso e os objetivos propostos. Sabe-se que qualquer intervenção causa interferências na paisagem por isso diagramas como esse nos são muito pertinentes.

Figura 40- Diagrama do zoneamento proposto.

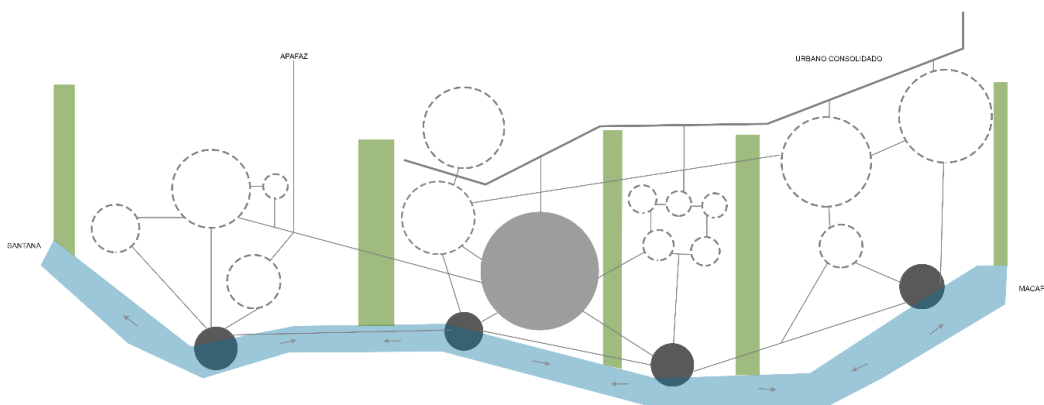


Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

O diagrama de zoneamento apresenta um rearranjo para os trechos. Nesse rearranjo: o trecho 1 tem os equipamentos referentes a educação ambiental, a contemplação e a administração; o trecho 2 abriga os equipamentos que dão subsídios as atividades gastronômicas; o trecho 3, engloba tanto a parte de eventos quanto a de promoção de lazer esportivo; e o trecho 4 apresenta em sua configuração os dispositivos urbanos referentes ao serviço e esportes radical.

Após a definição do zoneamento das atividades pode-se definir o conceito norteador da proposta, que está exemplificado no diagrama a seguir. Nele estão dispostos: em tracejado, as atividades que serão inseridas; em cinza escuro, os pontos de apreciação do rio; e em cinza claro o ponto central.

Figura 41- Diagrama conceitual da distribuição e interligação dos elementos propostos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

A imagem mostra que os espaços se inserem dentro do zoneamento estabelecido e se interligam uns aos outros por meio de um sistema simbiótico de integração que os vincula e direciona os fluxos para o ponto central em cinza escuro, este seria o ponto de maior convergência de fluxos. As estruturas ligam-se a comunidade pelo urbano consolidado, pela mata e pela água buscando reintegrar os usuários em diferentes escalas de convívio possibilitando trocas de experiências e vivências que se diferenciam por estarem no seco e no úmido.

É importante mencionar ainda que os pontos dispostos se interagem em um circuito cortado perpendicularmente por corredores verdes que permitem e direcionam os fluxos para um convívio maior com o rio. Nesse sentido os corredores tornam-se oásis, que pela forma em

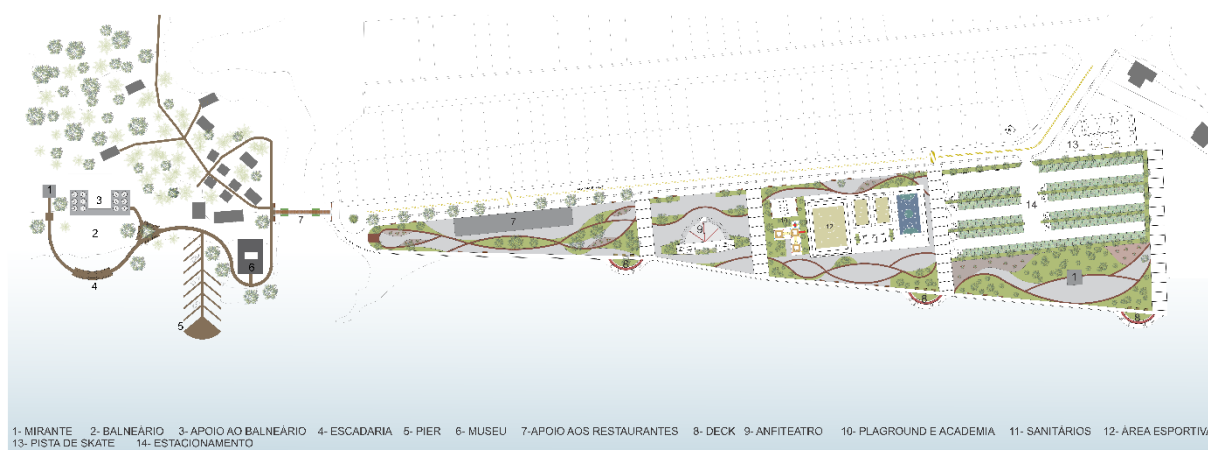
como estão dispostos facilitam também na localização dos indivíduos, justamente por agruparem as atividades em seus setores.

A partir da inserção da APAFAZ, as atividades existentes são reorganizadas e outras são incluídas. O rio é tido então como ente agregador e comum das paisagens que tem a função de lazer, transporte, trabalho e turismo.

3.4 A Proposta

As ideias dispostas nos diagramas anteriores, a partir daqui se planificam, transformando o Complexo Fazendinha em parque suburbano. A planificação mostra um grande espaço aberto que agrega a gastronomia local, os esportes, os pontos de contemplação, o anfiteatro, o mirante, que ao seguir sobre as águas se circunscribe na mata com atividades que objetivam a educação ambiental e a recreação materializadas pelo balneário, decks, passarelas, passeios na mata e o píer de trabalho.

Figura 42- Planificação da proposta



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

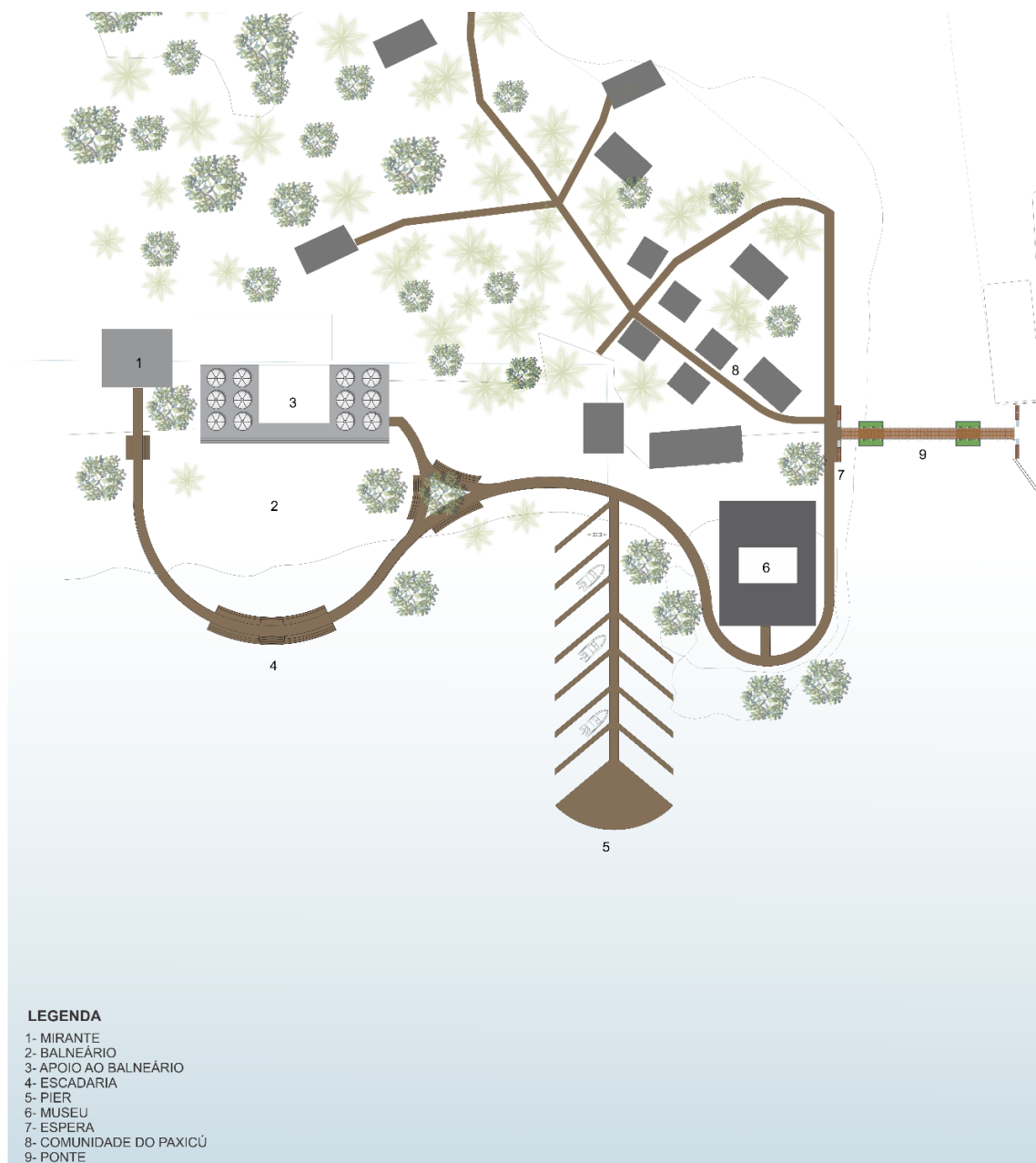
Dentro do traçado as linhas orgânicas com sinuosidade marcam os passeios. Essa escolha vem do intento de trazer as formas que marcam as águas e a vegetação encontrada na APAFAZ. Essas linhas são como as fibras das árvores que na proposta se vascularizam por taludes verdes que dão certa dinamicidade aos planos verticais. As linhas curvas se encontram com os corredores verdes, aqui materializados por grandes pérgolas que direcionam os fluxos aos pontos de contemplação e interação com o rio.

Nesse caso, a proposta tem a função de promover a apropriação efetiva e afetiva do espaço, visto que este propõe subsídios tanto para as novas atividades urbanas quanto para as

existentes fazendo costuras projetuais que respeitem a realidade heterogênea do seco e do úmido. Para entender essas tessituras sugeridas falaremos dos 4 setores.

O setor 1 corresponde a intervenção realizada na APAFAZ. Propõe-se estruturas sinuosas que bordejam o rio e se ligam a mata. Nesse sentido o bordejar o rio também vem da preocupação de não descaracterizar a área de proteção e não interromper as atividades tradicionais da comunidade ribeirinha, ou seja, esse ponto representa a intenção de incluir essa população e respeitar a modo como vivem.

Figura 43- Trecho 01



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Este trecho apresenta em sua composição: o mirante que possibilita contemplação e integração com a mata; o balneário, que vincula-se a uma passarela que em períodos de maré alta não fica submersa permitindo utilização permanente do espaço para banho, ou seja, quando as águas sobem as passarelas se tornam uma espécie de delimitação para a piscina natural, e quando as águas descem continuam sendo os elementos de ligação contemplativos do trecho; a escadaria que além de ser um elemento conector também foi desenvolvido para ser um grande banco submerso em caso de cheias; o píer que está disposto principalmente para atender aos ribeirinhos e pode ser tido também como estrutura geradora de renda através do oferecimento de passeios pela orla de Macapá e Santana pelos próprios moradores; o museu das águas, que contará a história do viver no úmido; a ponte que foi desenvolvida num sistema de rotação móvel para que não interrompa os fluxos de embarcações gerados pelas madeireiras no início do Paxicú; e a espera que funciona como ponto de apoio a ponte.

O trecho 2 tem como função servir de base de apoio para os restaurantes existentes. É nesse ponto que se inicia o ajardinamento, que se introduz entre as linhas do desenho da paginação de piso. Junto ao traçado contemporâneo orgânico são adicionados tablados com bancos sombreados. A pérgola representa um dos corredores verdes da proposta que encaminha intencionalmente o visitante ao deck de contemplação do rio.

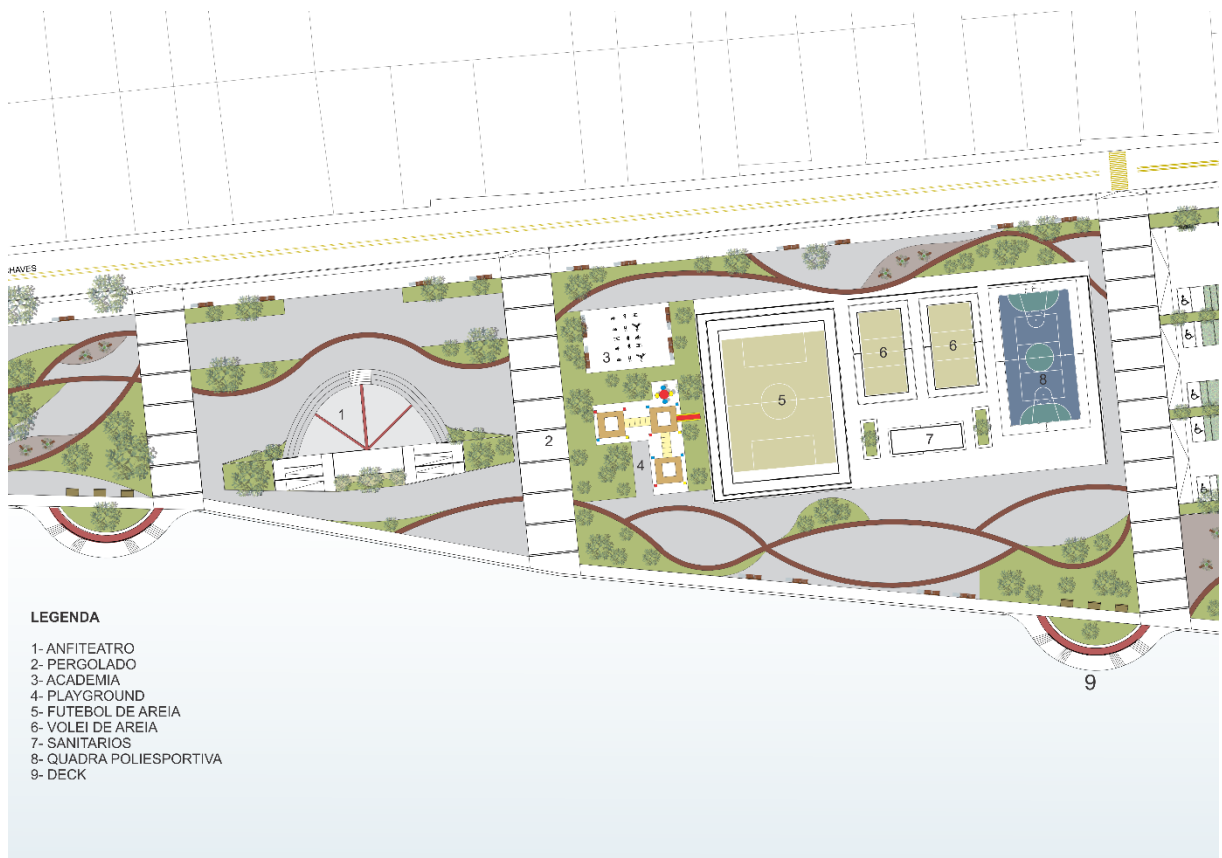
Figura 44- Trecho 02



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Em sequência, apresentamos o trecho 3 que é composto pelos setores cultural e esportivo. Nesse setor vemos que além de caminhos sombreados, as pergolas também auxiliam na definição espacial das atividades, pois marcam no plano vertical a setorização de forma suave e harmônica.

Figura 45- Trecho 03



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Acima na imagem vemos que esse setor tem sua estrutura composta: pelo anfiteatro que permite o desenvolvimento de atividades sazonais de maior vulto; pelo playground e academia; pelas quadras esportivas onde se cria um espaço central que seria uma espécie de mini praça de apoio para a realização destas atividades; pelos sanitários; e pelo deck de contemplação que segue a mesma lógica de implantação dos demais.

Seguindo as análises, no setor 4 observamos a presença marcante do estacionamento. Este oferece 186 vagas para carros, 84 para motos e possui bicicletários distribuídos de forma eficaz. É importante mencionar que em relação ao existente, seu tamanho e forma não foram alterados, porém a implantação de elementos verdes e a reorganização fazem com que este espaço tenha seu desenho suavizado ficando em unidade com a proposta.

Figura 46- Trecho 04

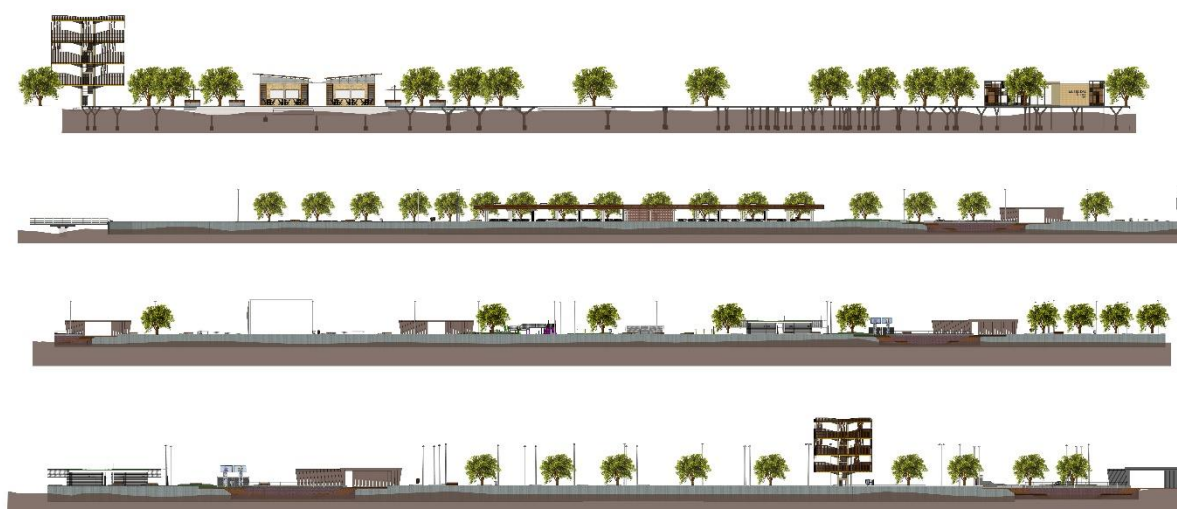


Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Outros dois elementos inseridos neste trecho são o mirante e a pista de skate. A pista de “street skate” é equipada com rampa de diferentes alturas, piscina para manobras e corrimões que permitem diversas possibilidades aos usuários. Este trecho é finalizado por mais um corredor verde ligado a um deck. Tablados com bancos e a vegetação se incluem ao traçado permitindo que este também seja um ponto de descanso e de trocas sociais que permitem a prática de piqueniques, “slack line” e outras atividades.

Dentro das análises elaboradas no diagnóstico notou-se a necessidade da inserção de elementos verticais que proporcionem identidade e orientação para os indivíduos. Para o estabelecimento dessa linguagem vertical do partido urbano 4 elementos são fundamentais: o mirante, o palco do anfiteatro, os pergolados e a vegetação. Os equipamentos marcam as visadas em unidade por trazerem em sua composição elementos arquitetônicos semelhantes.

Figura 47- Perfil esquemático dos trechos



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Acima, as imagens dos trechos ilustram essas marcações das visadas e mostram a importância da vegetação no estabelecimento de uma continuidade projetual. Com a arborização adotada o espaço se torna sombreado e agradável para a utilização durante o dia.

Seguindo-se a explicações a respeito da adoção do partido, a partir de agora destacaremos as arquiteturas e o mobiliário, que no projeto tem uma linguagem mais racionalizada. Para as arquiteturas optou-se por espaços abertos e vascularizados que permitem a ventilação e a contemplação. Esses equipamentos urbanos são: os mirantes, o apoio aos restaurantes, o anfiteatro, a ponte, o apoio ao balneário, os decks de visualização do rio e o museu.

Para os pontos de apoio aos restaurantes definiu-se uma espécie de pavilhão aberto com um coroamento verde e proteções laterais em elementos de madeira. Sendo pensado como um grande espaço livre e coberto frisa-se a flexibilidade do espaço que no caso pode servir também para exposições de arte e reuniões da comunidade.

Dentro desta arquitetura a estrutura se torna o principal elemento plástico. Os pilares “árvore” são inspirados na mata da APAFAZ e possuem uma espécie de capitel que receberá

vegetação. Esse tipo de estrutura exigiu a aplicação da tecnologia das cubetas e cogumelos que tornam a laje em uma grande viga estruturada por pequenas vigotas preenchidas nos pontos de encontro com os pilares. Foram postos elementos de iluminação zenital que permitem que a luz natural se integre a planta dividida em 6 pontos diferentes de restaurantes.

Figura 48- Restaurantes: plano conceitual.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Para os decks de contemplação acoplou-se uma escadaria que permite as pessoas se sentarem e descansarem ao interagir com o rio. A escadaria além de proporcionar banho também funciona como ponto de acesso a faixa que fica descoberta nos ciclos das marés. Também se define uma faixa vegetada para sombrear os bancos que acompanha a forma do elemento.

Figura 49- Decks que apreciação do rio: plano conceitual.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

O mirante, em forma de torre proporciona diversos pontos de visualização. Este será posicionado nas duas extremidades do parque. Para esta arquitetura adotou-se o conceito de capa e corpo, ou seja, a estrutura é coberta por grandes reguados de madeira dispostos em diferentes níveis com o objetivo de conferir movimento as fachadas. Tem-se definida para esta arquitetura uma estrutura mista em concreto e metal, esses materiais estão presentes em toda a proposta, visto que as estruturas encontradas no local são as mesmas.

Figura 50- Mirante.

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

O anfiteatro foi pensado como um espaço aberto e semienterrado por conta das questões acústicas. Esta estrutura substituirá a concha acústica devido as adequações necessárias e não funcionalidade da mesma. As laterais se configuram como uma espécie de platôs que vincularão a estrutura aos demais espaços. Os degraus possibilitarão diferentes pontos de visão e apreciação do palco, o que melhorará a visualização em dias de show. Quanto à forma desta arquitetura definiu-se: para o palco um desenho que se remete a vela de um grande barco; e para a arquibancadas um traçado que teve como inspiração a vitória-régia, que é uma das plantas aquáticas mais encontradas na região norte.

Essa estrutura tem o objetivo de suprir as carências esporádicas do espaço público, mas também de ser palco de apresentações escolares e pequenas performances.

Figura 51- Anfiteatro

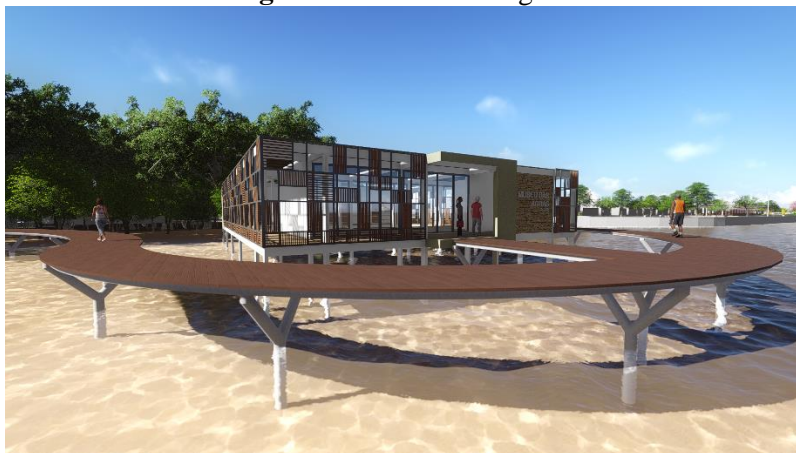
Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Para o apoio ao balneário foram criados dois blocos que dispõem em sua planta de lanchonetes e bateria de banheiros. Esta arquitetura tem a função de dar apoio as atividades no úmido e devem ser geridas pela própria comunidade.

O museu apresenta em sua composição dois blocos unidos por uma grande cobertura verde. O bloco da frente se refere a exposição das peças que tem por objetivo recontar essa história sobre as águas, e o bloco posterior abriga as salas de uso múltiplo que ficarão à

disposição da comunidade para elaboração de cursos profissionalizantes e reuniões, e a sala da SEMA, órgão fiscalizador das condições de uso da APAFAZ. A linguagem formal adotada faz uso dos reguados de madeira intercalados formando uma grande brise que encobre o prédio.

Figura 52- Museu das águas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Somando-se aos equipamentos urbanos já mencionados, inclui-se a ponte que é o elo vinculador entre o seco e úmido. A ponte que proporciona caminho para pedestres, por meio de um dispositivo de rotação se abre para a passagem de embarcações. Para esse equipamento tem-se dois grandes pilares de concreto que sustentam as plataformas fixas e móveis. A laje verde serve tanto suporte a estrutura e do motor de rotação, quanto para a ambientação da passagem. Esse acesso ao mesmo tempo em que faz a transição vincula fisicamente as áreas.

Figura 53- Ponte.

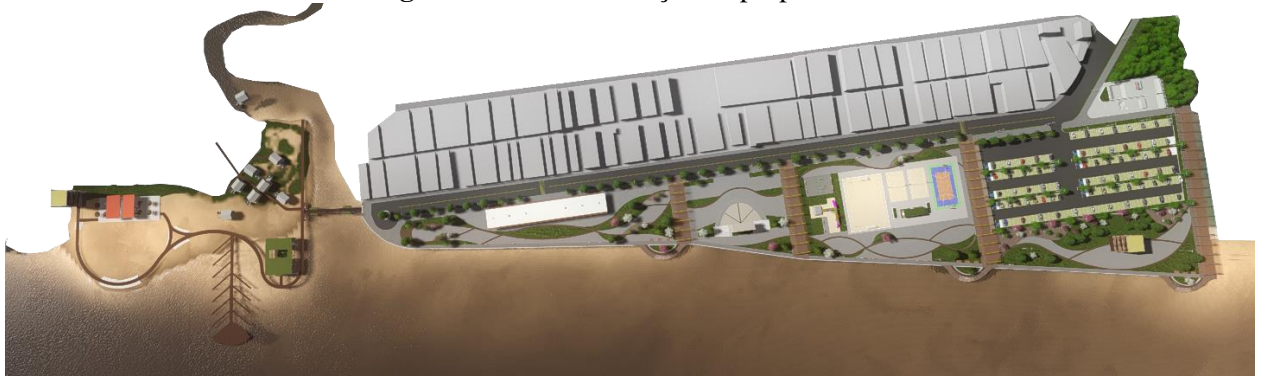


Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Definindo as arquiteturas e o traçado urbano tem-se uma nova composição elaborada para a faixa de orla de Fazendinha que valoriza os critérios estéticos, ecológicos, sociais, ambientais e culturais da localidade como uma reorganização espacial dentro daquilo que faz

parte da memória e dos novos usos percebidos nesta paisagem. Como observado na imagem a seguir, a paisagem híbrida é redefinida com o intuito de proporcionar novas ligações que fortaleçam os vínculos entre pessoas e ambiente.

Figura 54- Macrodefinição da proposta.



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Para finalizar as intenções projetuais apresentamos o design do mobiliário. Este está em conformidade com arquitetura tanto no desenho quanto no emprego dos materiais e linguagem. Foram desenvolvidos quatro diferentes tipos, eles são: a espreguiçadeira que serve para banhos de sol; o quiosque que auxilia aos banhistas; e o banco em y que serve para descanso e está posicionado em cima dos tablados; e o banco com encosto, que pode ser encontrado em todos os trechos.

Figura 55- Mobiliário Urbano



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se a paisagem de Fazendinha como um híbrido por não se tratar apenas do substrato, nem somente do sujeito, mas da interação complexa desses dois mediados pela cultura e regidos por normativas políticas e apontamentos econômicos. Essas relações estão expressas na paisagem vivenciada e materializadas pelos modos de vida, pelas adaptações (objetos postos no espaço), pela apreensão simbólica, pelas maneiras de ver e utilizar o rio e pelos usos do território.

Indica-se ainda que Fazendinha em sua composição é marcada pelas frações espaciais que se consolidam ao observarmos os limites territoriais da área de mata (APAFAZ), do urbano consolidado, das áreas referentes ao polo hortifrutigranjeiro e da privatização de alguns pontos orla. Essas fragmentações revelam uma paisagem descontínua, inclusive ao refletirmos sobre as ligações que se estabelecem entre o Distrito e as cidades de Macapá e Santana.

Nos espaços públicos beira rio percebemos que questões como problemas referentes a estrutura, falta de ligações e problemas no programa urbano estabelecido fazem com que estes não sejam apropriados.

Por fim, se assinala a necessidade de uma proposição projetual que traga em si elementos de equilíbrio para o meio ambiente urbano, conservação ambiental, lazer, reestruturação urbana e a melhoria ao desenho e composição da paisagem de maneira que esta não se perca, mas que se torne um elemento público de manifestação das relações sociais, geradora de renda e qualidade de vida aos moradores a fim de conservar a área vegetada às pressões urbanas, vislumbrando sua significativa importância ao natural, cultural e histórico, para a região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. G. D. Paisagens culturais e patrimônio cultural: contribuições introdutórias para reflexões. In: HEINDRICH, Á. L.; COSTA, P. D.; PIRES, L. Z. **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 186-194.
- ANDREOTTI, G. Geografia emocional e cultura, em comparação com a racionalista. In: HEINDRICH, L.; COSTA, P. D.; PIRES, C. L. Z. **Maneiras de ler a geografia cultural**. Porto Alegre: Imprensa Livre, v. I, 2013. p. 98-105.
- AZRABE, J. **Gestão da Zona costeira e os terrenos de marinha**. Brasília: Fundação Getúlio Vargas, 2011.
- BARBOSA, L. M. **Topofilia, memória e identidade na vila do IAPI em Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- BRAGA, F. D. S. Análise preliminar sobre a cidade revelada por meio das imagens urbanas. **Anais III NEER: cultura, espaço e representações: mundos em transformação**, Porto Velho, p. 120-126, novembro 2011.
- BRAGA, R. M. O espaço geográfico: um esforço de definição. **GEOUSP-Espaço Tempo**, São paulo, n. 22, p. 65-72, 2007.
- CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, Florianópolis, v. XV, n. 30, p. 34-45, Dezembro 2000.
- CHINOY, E. **Sociedade: uma introdução à sociedade**. 2º. ed. São Paulo: Cultrix, v. I, 1967.
- COELHO, L. C. **O simbólico na paisagem através da leitura de imagens**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- COSTA, L. D. C. N.; GASTAL, S. D. A. Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural. **Anais do VI Seminário de Pesquisa e turismo do Mercosul**, Caxias do Sul, Julho 2010.
- DRUMMOND, J. A.; DIAS, T. C. D. C.; BRITO, D. M. C. **Atlas das Unidades de Conservação do Estado do Amapá**. 2º. ed. Macapá: [s.n.], 2008.
- FERREIRA, G. S. C. P. **Relações Socioambientais: ocupação, uso e degradação na territorialidade da APA de Fazendinha**. Macapá: UNIFAP, 2011.
- FRAXE, T. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. 1. ed. Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado do Pará, v. I, 2000.
- GAMALHO, N. P.; HEINDRICH, Á. L. **Paisagem híbrida, territorialidades múltiplas e temporalidades diversas: notas para a discussão a partir da leitura da paisagem do Vale do Rio Três Forquilhas (RS)**. [S.l.]: [s.n.].
- GORSKI, M. C. B. **Rios e cidades: ruptura e reconciliação**. São Paulo: Senac, 2010.
- GUIMARÃES, S. D. L. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. XXVII, n. 33, p. 117-142, Janeiro/Junho 2002.

- HEINDRICH, Á. L. territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo. In: SERPA, A. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. Cap. 5, p. 293-311.
- JUNIOR, F. C. B. **Valoração econômica de ativos naturais e urbanos: o caso da área de preservação ambiental da Fazendinha e seu entorno, Macapá- Amapá**. Macapá: Universidade Federal do Amapá- UNIFAP, 2009.
- JUNIOR, J. A.. **Arquitetura ribeirinha sobre as águas da Amazônia: o habitat em ambientes complexos**. São Paulo: FAUSP, 2009.
- KOHLSDORF, E.; KOLSDORF, G. **Dimensão Topoceptiva**. Brasília: UNB, 2005.
- LANDIN, P. C. **Desenho de Paisagem Urbana: as cidades do interior paulista**. São Paulo: UNESP, 2004.
- LOBATO, S. O despertar de Orfeu: prazer e lazer dos trabalhadores de Macapá (1944-1964). **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. XV, n. 28, p. 223-241, Janeiro/Junho 2014.
- MACIEL, C. A. M. Discutindo áreas culturais e estereótipos regionais. **Anais III NEER: cultura, espaço e representações: mundos em transformação**, Porto Velho, p. 39-45, Novembro 2011.
- MASCARÓ, J. L.; MASCARÓ, L.; FREITAS, M. **Infra-estrutura da Paisagem**. Porto Alegre: Masquatro, 2008.
- MENDONÇA, S. L. et al. Palafitas: a vida sobre as águas da cidade de Macapá. **III Colóquio de habitat e cidadania: habitação no campo, nas águas, e nas florestas**, Brasília, p. 1-12, Maio 2015.
- MENEZES, C. R.; MONTEIRO, M. Área de Proteção Ambiental da Fazendinha, Macapá–AP: análise de indicadores de efetividade do monitoramento e conservação da biodiversidade. **Estação Científica**, Macapá, Janeiro/Junho 2013. 75-85.
- MINISTÉRIO DAS CIDADES. **Curso de Gestão Integrada da Mobilidade Urbana. Módulo 1: Política Nacional de mobilidade urbana**. Brasília: [s.n.], 2006.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Projeto Orla: subsídios para um projeto de gestão**. Brasília: [s.n.], 2004.
- NEVES, L. P. **Adoção do partido em arquitetura**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.
- ORTIGOSA, S. A. G. Paisagem: síntese das heranças da relação da sociedade com o espaço. **Conteúdos de Didática Geográfica**, Rio Claro, p. 51-59, 2010.
- ORTIGOSA, S. A. G. Paisagem: síntese das heranças da relação da sociedade com o espaço. **Conteúdos de Didática Geográfica**, Rio Claro, p. 51-59.
- PARDINI, P. **Natureza e Cultura na paisagem Amazônica: uma experiência fotográfica com ressonâncias na cosmologia ameríndia e na ecologia histórica**. Belém: [s.n.], 2011.
- PINHEIRO, Z. C. D. S.; QUEIROZ, R. D. C. Perspectivas da produção social do espaço: necessidade de uma desmistificação do espaço social. **Anais III NEER: cultura, espaço e representações: mundos em transformação**, Porto Velho, p. 69-75, Novembro 2011.

PIRES, C. L. Z. Paisagem e representação: unitas multiplex. In: HEINDRICH, Á. L.; COSTA, B. P. D.; ZEFERINO, L. Z. **Maneiras de ler a geografia cultural**. 1. ed. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 107-115.

Plano de Manejo: Parque Nacional do Cabo Orange. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Brasília, p. 1-76. 2010.

REGO, L.; MENEGUETTI, K. S. A respeito de morfologia urbana. Tópicos para estudos da forma da cidade. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. XXXIII, n. 2, p. 123-127, Agosto 2011. ISSN ISSN 1807-8664.

SANTOS, E. C. D. et al. **Estudos Ambientais de Fazendinha**. Prefeitura de Macapá, Macapatur, Planurb, Semob. Macapá, p. 1-39. 2014.

SANTOS, I. M.; MONTES, M. N. N. **Análise da dinâmica de ocupação na área de proteção ambiental de Fazendinha e entorno, entre os anos 2003 e 2009**. Macapá: Universidade federal do Amapá- UNIFAP, 2014.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4°. ed. São paulo: Universidade de São Paulo- EDUSP, 2004.

SAQUET, M. A. Reflexões sobre o conceito de territorio e as suas relações com os estudos de cultura. In: HEINDRICH, L.; COSTA, P. D.; PIRES, C. L. Z. **Maneiras de ler a geografia cultural**. 1. ed. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013. p. 37-51.

TORRES, A. M.; EL-ROBRINO, M. **Erosão e progradação do litoral brasileiro- Amapá**. 1°. ed. Macapá: [s.n.].

TOSTES, J. A. Toda viagem é uma busca, 2013. Disponível em: <<http://josealbertostes.blogspot.com.br/2013/01/balneario-de-fazendinha-area-de.html>>. Acesso em: 28 Agosto 2015.

TUAN, Y.-F. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difusão Editorial S.A, 1974.

APENDICE A- Master plano



APENDICE B- Imagens da proposta.

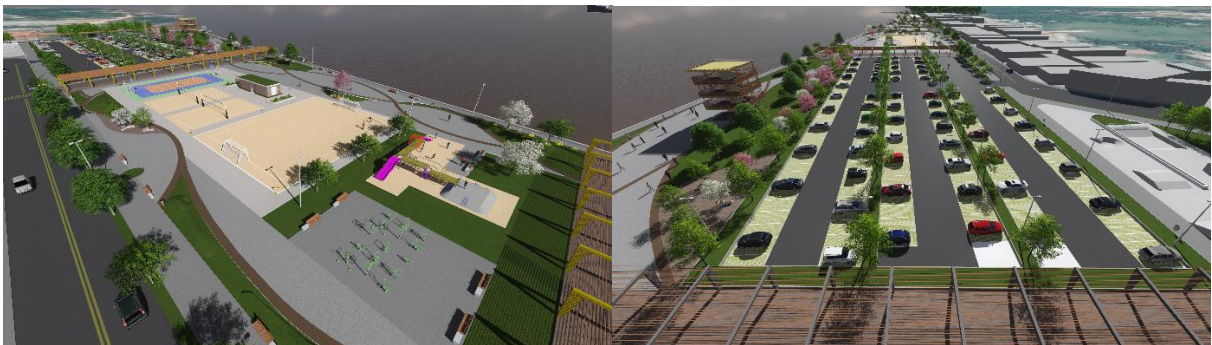
Visadas de cima.



Visada de cima dos trechos 02 e 03, respectivamente.



Visada de cima dos trechos 03 e 04, respectivamente.



Perspectivas trecho 01.



Visada de cima do trecho 02 e perspectiva trecho 03.



Perspectiva Balneário e píer, respectivamente.



Perspectiva bloco de apoio ao balneário e praia, respectivamente.



Visão frontal e pista de skate.



APENDICE C- Entrevista de reconhecimento da APAFAZ

ENTREVISTA 01: Esta deverá ser aplicada somente na comunidade da APA.

Nome do entrevistador:		Data:
Nome:	Sexo: () Feminino () Masculino	Idade:

1. O que é morar na área da APA?

2. Porque você escolheu morar aqui?

3. Você gosta de morar nesta área? () sim () não
Porque?

4. Como você se sente em relação a paisagem?

5. Quem faz a limpeza da área? (Múltipla resposta)
() Moradores () Prefeitura () não há nenhum tipo de limpeza no local

6. Você gostaria de se mudar? Porque? () sim () não

7. Avalie a qualidade dos serviços

Coleta de lixo: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Fornecimento de água: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Rede de Esgoto: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Fornecimento de energia: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Segurança: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Acessos: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Iluminação pública: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

8. As residências da área obedecem alguma regulamentação, seguem algum padrão ou o plano de Manejo? () sim () não

9. Quantas pessoas moram com você?

() Nenhum

() Um

() Dois

() Três

() Mais. Quantos ao todo? _____

10. Qual é a sua renda familiar mensal?

() Menos de 1 salário mínimo (até R\$788)

() De um a dois salários mínimos (entre R\$788
R\$1.576)

() De dois a cinco salários mínimos (entre R\$1576
R\$3.949)

11. A quanto tempo reside na área?

() Menos de 3 anos () de 3 a 10 anos () de 10 a 20 anos () Outros

12. Antes de morar aqui onde o senhor morava?

() outro bairro () outra cidade - especificar _____

APENDICE D- Entrevista de reconhecimento do bairro de Fazendinha

ENTREVISTA 02: Esta deverá ser aplicada somente em área seca, no entorno do Balneário

Nome do entrevistador:		Data:
Nome:	Sexo: () Feminino () Masculino	Idade:

1. O que é morar em Fazendinha?

2. Porque você escolheu morar aqui?

3. Você gosta de morar nesta área? () sim () não

Porque?

4. Como você se sente em relação a paisagem?

5. Você gostaria de se mudar? Porque? () sim () não

6. Avalie a qualidade dos serviços

Coleta de lixo: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Fornecimento de água: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Rede de Esgoto: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Fornecimento de energia: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Segurança: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Acessos: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

Iluminação pública: () Bom () Regular () Ruim () Inexistente

7. Em sua opinião o que torna a área de fazendinha ponto de visitação esporádica?

8. Quando ao balneário de fazendinha, o que você melhoraria?

9. Quantas pessoas moram com você?

() Nenhum

() Um

() Dois

() Três

() Mais. Quantos ao todo? _____

10. Qual   a sua renda familiar mensal?

() Menos de 1 s l rio mínimo (até R\$788)

() De um a dois s l rios mínimos (ent R\$788 e R\$1.576)

() De dois a cinco s l rios mínimos (ent R\$1576 e R\$3.949)

APENDICE E- Entrevista de qualificação do espaço público beira rio de Fazendinha.

ENTREVISTA 03: qualificação do complexo de Fazendinha.

Nome do entrevistador:		Data:
Nome:	Sexo: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino	Idade:

1. Você utiliza o complexo de Fazendinha?

Porque? _____

2. Com que frequência você vai ao Complexo de Fazendinha?

Todos os dias

mais de dois dias por semana

duas vezes por semana

uma vez por semana

raramente

3. Você utiliza o rio para banho?

sim

não

4. Você utiliza os equipamentos da praça

sim

não

5. Qual é o melhor período para usar o complexo?

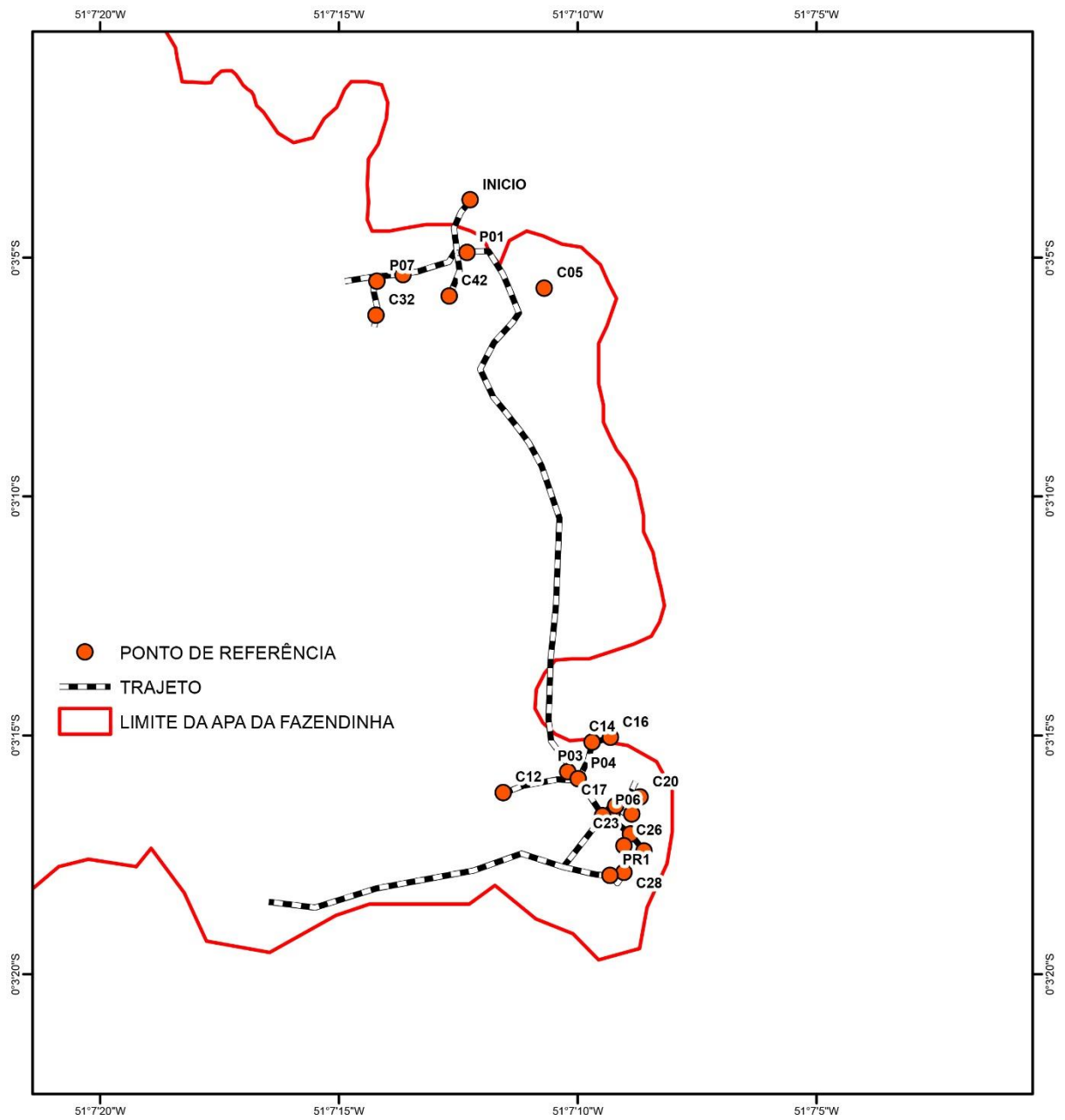
Dia

Noite

6. Tem algo que na estrutura que pode melhorar?

O que? _____

ANEXO A- Levantamento da comunidade do Rio Paxicú



- PONTO DE REFERÊNCIA
- TRAJETO
- LIMITE DA APA DA FAZENDINHA

